“Vocês não sabem como será a sua vida amanhã, pois vocês são como uma neblina passageira, que aparece por algum tempo e logo depois desaparece”.

Tiago 4:14

Subversão

Agradecimentos

Quero agradecer primeiro a Deus e a minha família. Agradeço também a professora Karina, a professora Arlete e a diretora Samira por me incentivarem a escrever sempre. E agradeço imensamente a APAE de Monte Castelo por cuidarem de mim. Amo vocês.

Sejam bem-vindos e boa leitura.

Sumário

Parte 1 – O Ato dos Heróis

Prólogo

Capítulo 1 – O Relógio

Capítulo 2 – Presos na Teia

Capítulo 3 – A Especialista

Capítulo 4 – Vislumbres

Capítulo 5 – A Rua

Capítulo 6 – A Casa

Capítulo 7 – O Quarto

Capítulo 8 – O Espelho

Capítulo 9 – Futuro

Capítulo 10– Explicações

Capítulo 11– O Plano

Capítulo 12 – A Invasora

Capítulo 13 – O Sol Morto

Parte 2 – Luz na Escuridão

Capítulo 1 – Opressão

Capítulo 2 – Medo Interno

Capítulo 3 – A Névoa Sangrenta

Capítulo 4 – Iluminados

Capítulo 5 – Céu

Capítulo 6 – Submundo

Capítulo 7– A Biblioteca

Capítulo 8 – Atuação

Capítulo 9 – Caos

Capítulo 10 – ... E Justiça para Todos

Capítulo 11 – Sagitário A*

Capítulo 12 – Ignição

Capítulo 13 – Tempo

Epílogo

Parte 1 – O Ato dos Heróis

Prólogo

Aconteceu há muito tempo. O chamado Fim do Mundo realmente aconteceu, e de uma forma completamente diferente do que todos imaginavam. Não houve explosões, cidades destruídas, meteoros ou fogo. Nada.

O Fim veio de uma forma silenciosa, abraçando todos os que estavam em sua frente. Ele não possuía corpo, cheiro ou chifres. Na realidade ele é invisível aos olhos, mas sentido na pele.

No início faltavam apenas algumas horas, até que chegaram os minutos e finalmente os segundos. Esses segundos podiam demorar anos, décadas, séculos. Mas em um momento iria acabar. Ninguém pode enfrentar o tempo e nem controlá-lo. Podemos apenas... Aceitar. Ou não?

Capítulo 1

O Relógio

8 segundos...

Naquele dia chuvoso, Erick dirigia até o trabalho enquanto bebia seu café. A rua estava cheia e o trânsito, como de costume, também. Cada gota de chuva que caía no carro refletia a luz do semáforo, criando pequenos e bonitos arco-íris.

Erick olhou para o relógio de pulso e começou a planejar o que diria ao chefe. “Desculpe o terceiro atraso consecutivo... Não... Ele não vai se importar. Eu não tenho culpa de acordar tarde e pegar trânsito”, pensou enquanto manobrava.

Apesar da preocupação, ele sabia que não poderia ser demitido; as inúmeras planilhas e arquivos da empresa eram responsabilidade sua. Apenas ele sabia onde estava cada dado, graças à sua memória fotográfica. O que seria daquela empresa sem ele?

Mesmo assim, Erick tentou respirar fundo para manter a situação sob controle. Caso algo saísse do planejado, ele enlouqueceria. É, aquele era o Erick.

Em um movimento rápido, com os olhos sempre atentos, notou uma pessoa caída na calçada. Ninguém parava para ajudar. Estava chovendo muito e, provavelmente por isso, as pessoas apenas seguiam adiante. Talvez pensassem que era um mendigo e o deixariam morrer ali mesmo, mas o homem não estava vestido como um.

— Agora eu tenho uma baita desculpa para dar ao meu chefe! Digo... O homem está caído e isso é terrível! — disse Erick, estacionando o carro próximo ao desconhecido.

Sob a chuva forte, ele saiu e aproximou-se rapidamente. O homem não tinha ferimentos ou marcas visíveis.

— Ei! Cara! Levanta! Está chovendo demais! Consegue me ouvir? — gritou, sacudindo-o.

Alguns pedestres analisaram a cena e riram enquanto passavam.

— Ei! Ajudem aqui, seus malditos! O cara está morrendo! — berrou Erick. — É sempre bom rir da desgraça dos outros, né? Seus covardes!

Ele ergueu o homem e, com muito esforço, conseguiu colocá-lo no carro. Erick estava indignado com a falta de ética daquelas pessoas. Por que ninguém quis ajudar? Ele também era um ser humano.

No veículo, tentou checar os batimentos cardíacos do estranho. O corpo já estava gelado; estava morto há horas. Erick procurou alguma identidade nos bolsos, mas não havia nada.

— Caralho! Calma... Se acalma... Tenho que levar esse cara para o hospital... É! Pro hospital! — disse, ligando o motor.

Porém, ao olhar para o rádio, os números se transformaram em códigos e a tela exibiu: “Error”. O ponteiro da gasolina girou intensamente no sentido horário, acompanhando o velocímetro. O carro começou a emitir barulhos estranhos, como se estivesse falhando.

Assustado, Erick tirou a chave da ignição, mas o painel continuou em transe. Seu relógio de pulso também começou a girar, só que muito mais rápido.

— Que porra é essa? — gritou, tentando desligar o carro de qualquer jeito.

Então, tudo parou. Toda a cidade ficou em silêncio. As ruas ficaram vazias e os carros estacionados, sem ninguém dentro. O choque o paralisou por alguns segundos.

Ele saiu do veículo e olhou ao redor. Os sons do trânsito e dos aviões desapareceram. As sirenes de polícia e o burburinho das pessoas também. E o detalhe mais perturbador: a chuva paralisou no ar e, acima dela, surgiu um sol intenso.

— O que é... isso? O que está acontecendo? Tem alguém aí? — gritou com todas as suas forças.

Logo à frente, uma garota apareceu sentada sobre um dos carros, descendo com dificuldade. Erick correu até ela.

— Você está bem?

— O que está acontecendo? Cadê todo mundo? Eu... estou com medo! — respondeu ela, trêmula.

Erick ajudou-a a levantar. De repente, os dois ouviram um estrondo vindo dos céus. Uma pequena rachadura formou-se no alto e, dela, algo caiu aos seus pés. Era um relógio prateado e um bilhete:

“O tempo está acabando. Sigam as instruções do relógio. Eu não conheço vocês e vocês não me conhecem. Mas acreditem, estou ajudando... E espero que confiem em mim. Boa sorte.”

Capítulo 2

Presos na Teia

7 segundos...

Logo após lerem o bilhete, ambos se encararam com olhares inquietos. Erick olhou para o próprio veículo e notou que o corpo do homem também havia desaparecido, o que indicava que apenas os dois restavam ali.

— O que vamos fazer? E-eu não entendi essas instruções! — disse a garota, tremendo.

— Acalme-se... É... qual o seu nome?

— Bárbara...

Erick analisou o objeto prateado e explicou:

— Certo, Bárbara. No bilhete diz que o relógio é como um escudo, algo que nos protege. Ele não mostra as horas, não tem ponteiros. Há também uma observação mencionando que ele serviria como uma espécie de chave.

Bárbara pegou uma garrafa de água e um remédio, tomando-o em seguida. Erick reparou que ela não parava os pés, movimentando-os de um lado para o outro de forma repetitiva. Além disso, Bárbara evitava o contato visual; era raro ela sustentar o olhar por mais de um segundo.

— Você é autista? — perguntou Erick.

— Isso não é hora de fazer esse tipo de pergunta, senhor Erick! Temos que dar um jeito de sair daqui! — respondeu ela, ríspida.

Ele aceitou a resposta e começou a examinar os botões do relógio. Em um deles, havia um símbolo estranho, como uma lua torta. Erick o pressionou e, instantaneamente, toda a cidade voltou ao normal. Os dois quase foram atingidos por um carro e uma moto, sob o som ensurdecedor de buzinas.

— Voltamos! Que ótimo! — exclamou Bárbara.

Erick olhou ao redor e percebeu que a chuva havia sumido completamente. Aquilo não fazia sentido. Bárbara pegou o celular para mandar uma mensagem para a mãe, mas o aparelho nem sequer ligava.

— Que droga! Funciona, porcaria! — reclamou, irritada.

— Bárbara, você consegue ver a pessoa dentro daquele carro? — perguntou Erick, apontando para o seu próprio automóvel estacionado.

Ela olhou e confirmou:

— Sim, por quê?

— Me diga, quando você estava indo para a escola, notou algo estranho nas pessoas? — insistiu ele.

— Estranho? Bom... Notei apenas que os cachorros que eu sempre via sumiram — respondeu ela.

De repente, do outro lado da rua, alguém começou a gritar incessantemente por ajuda. O homem tentou agarrar os pedestres, mas seus braços atravessavam os corpos alheios. Ele estava intangível e desesperado, acabando por cair no chão enquanto a multidão passava por ele como se ele fosse fumaça.

— Meu Deus! Nós precisamos ajudar! — disse Bárbara, aflita.

Nesse instante, Erick olhou para um dos prédios e viu três pessoas se jogarem do topo simultaneamente.

— Não... Não! Isso não está certo! — gritou ele, apertando o botão do relógio novamente.

Tudo desapareceu outra vez. O silêncio retornou.

— O que você fez? Por que voltamos para cá? — questionou Bárbara.

— Me escuta! Tem algo muito errado acontecendo e temos que descobrir o que é. Só eu e você conseguimos ver aquelas pessoas morrendo! — respondeu Erick.

Bárbara guardou o celular, absorvendo o que ele dizia. Era aterrorizante que ninguém mais visse aquelas cenas horríveis.

— Onde você mora, Bárbara? Seus pais estão em casa? — perguntou Erick, guardando o relógio.

— Por quê? Meus pais estão no trabalho... Eu moro em um apartamento, mas por que quer ir lá?

Erick tirou um celular pequeno e antigo do bolso e respondeu:

— Tenho que ligar para uma pessoa...

Capítulo 3

A Especialista

6 segundos...

Os dois caminharam pelas ruas vazias da metrópole. Não havia nada além do vento fraco soprando em seus rostos. Os faróis e semáforos funcionavam de maneira invertida, acendendo as luzes em uma ordem desconhecida. Aquilo era esquisito demais.

Após uma longa caminhada, chegaram à casa de Bárbara. Ao entrarem, ela disse rapidamente:

— Não ligue para a bagunça! Eu não esperava por visitas...

— Não tem problema — respondeu Erick.

Ele percorreu os cômodos com o olhar e notou que não havia desordem alguma. Sabia que era um costume da região pedir desculpas pela “bagunça” por pura cortesia. O quarto de Bárbara, inclusive, estava impecavelmente organizado.

— Então... para quem você vai ligar? — perguntou ela.

Erick pegou o relógio, pressionou o botão e a cidade “voltou”. Em seguida, discou uma sequência de números muito específicos em seu aparelho antigo. A pessoa do outro lado atendeu quase instantaneamente.

— Beatriz! Você está viva? — perguntou Erick.

Beatriz tossiu antes de responder, com a voz rouca:

— É, estou tentando. Fala, o que você quer? Hackear o computador do seu chefe ou algum banco?

Erick olhou pela janela, observando o movimento lá fora.

— Não é nada disso. Escute, você notou algo estranho nas pessoas? Tipo... elas ignorando coisas sérias que acontecem bem na frente delas?

Beatriz riu do outro lado da linha.

— Erick, eu não saio de casa, você sabe disso. Mas o que está havendo? O pessoal endoidou de vez na cidade?

— Tem pessoas morrendo e sendo ignoradas pelas outras. Além disso, os que morrem parecem... invisíveis. Encontrei uma garota que testemunhou isso comigo e estamos entrando e saindo do que parece ser uma realidade paralela.

A ligação ficou em silêncio. Erick sabia que, se contasse tudo, ela poderia desligar, mas era sua única opção.

— Então você enlouqueceu, Erick. Pare de tomar tanto café. Adeus — disse Beatriz.

— Espera! Não desliga! Eu tenho algo que pode ser do seu interesse — interrompeu ele. — Um relógio prateado com inscrições estranhas. É com ele que estamos viajando entre as realidades.

Ele observou Bárbara, que agora brincava distraidamente com uma boneca. Beatriz suspirou pesadamente antes de responder:

— Certo, Erick. Se você me pagar, eu dou uma olhada nesse tal relógio e verifico o que anda acontecendo por aí... mas não garanto nada.

— Obrigado. Nos encontramos no mesmo lugar?

— Sim. Tchau — finalizou Beatriz, desligando.

Bárbara levantou-se e colocou a mochila nas costas, curiosa.

— Quem é ela?

— Alguém que pode ajudar — ou não. Vamos até o prédio abandonado — respondeu Erick, apertando o botão e fazendo o mundo desaparecer novamente.

Mesmo relutante, Bárbara o seguiu. Ela não queria sair, mas sentia-se ainda menos segura sozinha. Os dois deixaram o apartamento e caminharam pela cidade fantasma em direção ao ponto de encontro.

Enquanto isso, no mundo real, Beatriz se preparava para sair. Vestiu uma calça de moletom, uma blusa larga e um boné.

— Que maluquice! Por que eu ainda aceito essas coisas? — resmungou enquanto caminhava.

Ela seguia pela multidão de cabeça baixa; seu rosto era visado devido aos ataques cibernéticos que já realizara contra grandes corporações. De repente, alguém esbarrou nela e caiu no chão.

— Ei! Cuidado! Olha por onde... anda...

Beatriz encarou os olhos da pessoa caída; estavam arregalados, fixos. Imediatamente, ela começou a suar frio. As pessoas passavam e atravessavam o corpo estirado como se ele fosse feito de fumaça. Beatriz fechou os olhos, ignorando a cena, e apressou o passo.

— Deve ser alguma ilusão... é isso! Só não enlouqueça, Beatriz! — repetia para si mesma.

Mas outras pessoas começaram a cair no meio da multidão. Ninguém além dela parecia ver. Suas pernas mal conseguiam acompanhar o ritmo do próprio medo.

— Isso não é real! É um pesadelo! Acorda, Beatriz! — gritou, começando a correr.

Ela parou de olhar para os lados e fixou os olhos no chão, repetindo que era um sonho. Quando finalmente parou, notou um silêncio absoluto. Ao erguer a cabeça, não havia mais cidade — apenas uma floresta densa.

— Onde eu estou? Que merda é essa? — ofegou, aterrorizada.

O céu rachou novamente. Uma ampulheta caiu aos seus pés. Beatriz olhou para a fenda no alto e gritou com todas as suas forças:

— Ei! Me ajuda! Por favor!

A rachadura se fechou. Com as mãos trêmulas, ela pegou o objeto e leu o bilhete: “Baixo e cima são relativos. Deixe a ampulheta na horizontal. Você verá passados, futuros, presentes, os três, ou nada. O tempo está acabando. Confie em mim.”

Relutante, ela posicionou a ampulheta na horizontal. Tudo ao seu redor girou violentamente até o cenário retornar ao ponto de partida.

— Mas que caralhos foi isso? — Beatriz desabou no chão, tentando recuperar o fôlego.

Capítulo 4

Vislumbre

5 segundos...

O prédio abandonado era quase um refúgio para quem quisesse escapar dos problemas. Era o local onde Beatriz e Erick costumavam se encontrar para trocar informações sigilosas sobre os bancos de dados da empresa em que ele trabalhava. Mas, em um mundo em caos, aquele lugar parecia tão desolador quanto qualquer outro.

— Esse lugar tem um cheiro ruim — disse Bárbara, franzindo o nariz.

Erick apertou o botão e o mundo “real” retornou. Ali no canto estava Beatriz, sentada e cabisbaixa.

— Beatriz? Você está bem? — perguntou Erick, aproximando-se.

Ela o encarou com um olhar profundo e sem expressão, como se ainda estivesse em choque.

— Acho que... estou viva. Não sei. Eu... não sei — respondeu ela, ainda tentando processar os eventos recentes.

Erick pegou o relógio para mostrá-lo à amiga, mas parou no meio do gesto. Beatriz, em resposta, estendeu as mãos e revelou a ampulheta.

— O que é isso? — perguntou ele, assustado.

— Acho que agora acredito em você, Erick — disse Beatriz, com a voz trêmula. — Eu vi as pessoas... Elas eram como fantasmas. De repente, fui parar em uma floresta e isso aqui caiu aos meus pés. E agora estou aqui.

Erick percebeu que a amiga estava profundamente abalada. Era compreensível; a estranheza da situação superava qualquer lógica.

De repente, Bárbara olhou para o próprio braço e notou que suas veias estavam saltadas, pulsando de forma anormal. Ela tentou se levantar, mas sua visão ficou turva e ela

sentiu o corpo levitar por alguns milímetros. Seu nariz começou a sangrar e, diante dela, uma silhueta começou a se formar. Parecia uma pessoa, mas era difícil distinguir seus contornos.

— E-Erick... Tem alguém ali! — balbuciou ela, apontando para o vazio.

Erick e Beatriz olharam na direção indicada, mas não viram nada além das paredes descascadas.

— Bárbara, não tem ninguém ali — disse Erick, preocupado ao ver o sangue escorrendo pelo rosto da garota. — Você não está bem! Sente-se e descanse!

Bárbara, porém, ignorou o aviso. Ela caminhou lentamente na direção da figura, que também se aproximava dela. Pararam frente a frente. A entidade estava totalmente borrada, como uma imagem fora de foco, e disse com uma voz distorcida, que parecia vir de todos os lados:

— Ponteiro. Segundos. Teia. Névoa. Relatividade. Futuro. Passado. Presente. Início. Meio. Fim...?

— E-eu não entendi! Pode repetir? O que está acontecendo? Quem é você? — perguntou Bárbara, paralisada pelo medo.

O corpo da criatura começou a se deformar, e o prédio acompanhou a distorção. As janelas inverteram-se, ficando de cabeça para baixo, e as pedras sólidas do chão pareceram derreter como gelatina.

Antes de desaparecer por completo, a Pessoa sussurrou uma última mensagem:

— Rua 4. Casa número 3. Quarto número 2. Espelho número 1. O tempo está acabando.

Subitamente, o cenário voltou ao normal. Bárbara caiu de joelhos, sangrando profusamente pelo nariz.

— Bárbara! Você consegue me ver? — gritou Erick, movendo a mão na frente do rosto dela.

A garota tentou se levantar, mas foi tomada por um forte enjoo e vomitou no chão.

— Ela precisa de um hospital, Erick! — exclamou Beatriz, apavorada.

Bárbara agarrou o braço de Erick com força e sussurrou:

— Eu vi uma pessoa... Ela disse coisas como Teia, Névoa e Relatividade... E outra coisa...

Erick começou a gravar cada palavra em sua memória fotográfica. Bárbara continuou, com esforço:

— Ele disse Rua 4, Casa 3, Quarto 2 e... Espelho 1. Todos numerados. Eu achei um padrão nas palavras, mas preciso descansar...

Ela vomitou novamente. Beatriz a ajudou a se sentar perto de uma mureta, limpando seu rosto. Erick permaneceu em silêncio, processando a charada. O que aqueles números e palavras queriam dizer?

Capítulo 5

A Rua

4 Segundos...

Parecia que o dia estava chegando ao fim, mas era apenas meio-dia. Na verdade, ninguém sabia ao certo que horas eram; naquela realidade deserta, relógios e eletrônicos comportavam-se de maneira errática.

Bárbara recompôs-se e bebeu mais um pouco de água de sua garrafinha. O enjoo persistia, acompanhado por uma leve tontura.

— Está melhor, Bárbara? — perguntou Erick, sentando-se ao lado dela.

— Sim... — respondeu ela entre um gole e outro. — Eu preciso falar uma coisa.

Bárbara levantou-se, pegou o relógio das mãos de Erick e analisou-o:

— Ouvi um padrão nas palavras daquela Pessoa. A sequência da rua, casa, quarto e espelho... é regressiva. Pode indicar uma coordenada, até porque desconheço qualquer “Rua 4” nesta cidade.

Erick olhou para Beatriz. Ela certamente entenderia de coordenadas, mas ali nada funcionava como deveria. Beatriz, porém, franziu o cenho:

— Não podem ser coordenadas geográficas comuns. A menos que... Hum, interessante.

— O quê? — questionou Erick.

Beatriz guardou a ampulheta na bolsa, agachou-se e usou uma pedra para riscar os números no chão empoeirado. Erick observou o desenho, deixando sua mente trabalhar.

— Certo. Estes são os números: quatro, três, dois e um — disse Beatriz. — Erick, o que você consegue extrair disso?

Ele fixou o olhar nos algarismos, permitindo que sua memória fotográfica projetasse imagens e possibilidades. Se não eram coordenadas espaciais, talvez fossem temporais.

Em poucos segundos, ele processou diversos cenários. Isolados, os números não formavam um horário exato, mas a combinação certa...

— Beatriz, coloque o um e o dois juntos. Ao lado deles, o três e o quatro — instruiu Erick, cruzando os braços.

O horário foi formado: 12:34. Ao notar a sequência, Bárbara aproximou-se:

— Esse é o horário de pico no trânsito... Eu sei porque é quando costumo voltar da escola.

Erick pegou o relógio e respirou fundo antes de pressionar o botão. No exato instante em que o fez, o silêncio foi rompido pelo bater de asas de vários pássaros, assustados com a súbita presença dos três.

Beatriz sacou rapidamente seu celular e checou a hora: faltava apenas um minuto para o horário previsto. A ansiedade tomou conta do grupo. O que aconteceria a seguir?

De repente, o caos rompeu a realidade. Uma pessoa despencou do topo do prédio abandonado e uma chuva torrencial começou a cair, tão densa que ofuscava tudo ao redor, inclusive os faróis dos carros que surgiram na rua.

A terra tremeu. Um caminhão perdeu um dos pneus e capotou violentamente, vindo na direção do prédio. Uma das rodas soltou-se e voou como um projétil, quase atingindo Beatriz, que se abaixou no último segundo. Erick reagiu por instinto e apertou o botão do relógio.

Tudo desapareceu novamente.

— Que merda foi essa? — gritou Beatriz, tentando recuperar o fôlego.

Eram 12:34, mas eles não estavam mais no prédio abandonado. Estavam em uma rua desconhecida, envolta em uma névoa espessa, com casas idênticas perfiladas em ambos os lados.

— O-onde estamos agora? — perguntou Bárbara, a voz embargada pelo medo.

Erick olhou para as duas, o semblante sério:

— O que recebemos foi, de fato, uma coordenada. Mas de um lugar que não pertence ao mapa.

Agora, eles estavam em um ambiente frio e de pouca visibilidade, procurando por uma casa específica em meio a um labirinto de névoa.

Capítulo 6

3 segundos...

Aquela rua parecia infinita; todas as casas eram angustiantemente iguais. A névoa espessa ofuscava a visão do grupo, agravando a desorientação. Eles verificavam a numeração de cada fachada, mas os algarismos eram completamente absurdos.

— Casa número 10^{15}? Isso sequer existe? — questionou Beatriz, franzindo o cenho enquanto caminhava.

Erick sentia a frustração crescer. Ele projetava os números novamente em sua mente, tentando encontrar um padrão lógico, mas não chegava a conclusão alguma.

Bárbara, que seguia um pouco à frente, tropeçou no momento em que tentava ler o número de uma das casas. Erick a amparou rapidamente, mas, no movimento, acabou batendo a cabeça contra uma cruz de madeira fincada no jardim.

— Você está legal? — perguntou Erick, massageando a própria testa enquanto verificava se Bárbara se machucara.

Bárbara olhou para a cruz e, por instinto, fez o sinal da cruz. Ao se aproximar, notou algo entalhado na madeira envelhecida: “Pois onde estiver o seu tesouro, ali também estará o seu coração.”

— Vai ser impossível achar a casa certa! — exclamou Beatriz, rendendo-se e sentando no gramado do quintal. — Todas têm números bizarros, sem sentido nenhum!

— E essa neblina não ajuda. Que droga — resmungou Erick.

Bárbara, contudo, apontou para a inscrição e disse:

— Acho que temos uma pista. Esse versículo não me é estranho...

Erick aproximou-se da cruz e leu a frase em voz alta. O grupo então voltou a atenção para a casa à frente, que possuía uma numeração dividida por uma rachadura profunda na parede.

— Que versículo é esse? De qual livro da Bíblia? — quis saber Beatriz.

Bárbara conhecia as palavras, mas não conseguia recordar a localização exata. Erick, movido por um estalo de intuição, caminhou até a varanda. Aquela era a única porta que parecia convidativa. Ele virou-se para as duas e revelou:

— Lucas, capítulo doze, versículo trinta e quatro. 12:34, para ser exato.

No momento em que Erick girou a maçaneta, a névoa avançou violentamente, engolindo os arredores. Em segundos, não restava nada além daquela casa e de seu quintal; todos os outros horizontes foram substituídos por um branco absoluto e impenetrável.

O interior da residência revelou um corredor sombrio. No chão de madeira, um tapete trazia a mensagem: “Nesta casa entram coisas boas e saem coisas ruins.”

Assim que cruzaram o umbral, a porta atrás deles simplesmente desapareceu, dando lugar a uma parede sólida. Pelas janelas, a névoa ainda espreitava, imóvel.

— Fiquem perto... — instruiu Erick.

— Certo... Agora precisamos encontrar o quarto... — sussurrou Bárbara.

— Por que está falando baixo? Não tem ninguém aqui — retrucou Beatriz.

— É que eu nunca entrei em uma casa sem ser convidada... É o costume — respondeu Bárbara, tímida.

Caminharam pelo corredor escuro, mantendo-se ombro a ombro. O silêncio e a atmosfera pesada eram horripilantes. Beatriz tateou a parede até encontrar um interruptor. Ao acioná-lo, várias lamparinas de parede ganharam vida.

As paredes eram de madeira robusta, mas, ao olharem para cima, notaram algo perturbador: não havia teto. Acima deles, estendia-se uma escuridão infinita, um vácuo absoluto que parecia observar o grupo.

Com a luz, doze portas se revelaram no corredor — seis de cada lado.

— Maravilha... — ironizou Beatriz. — Adoro procurar agulha em palheiro.

Capítulo 7

O Quarto

2 segundos...

As duas fileiras de seis quartos numerados eram confusas. Eles tentaram abrir cada uma das portas, mas todas permaneciam firmemente trancadas. Em certo momento, Beatriz, irritada, tentou arrombar uma delas com um chute, quase quebrando o pé.

— Merda! — exclamou, segurando a perna.

— Tem que haver alguma coisa... Não é possível que nenhuma delas abra! — Erick sentou-se no chão e voltou a encarar o vazio absoluto acima de suas cabeças.

Bárbara caminhou pacientemente pelo corredor, observando detalhadamente cada porta. No centro de algumas delas, havia símbolos entalhados. Em quatro portas específicas, notou as figuras de um leão, de uma águia, de um anjo e de um touro. Nas outras oito, os símbolos eram estranhos, formas abstratas que pareciam não fazer sentido.

— Esses símbolos... eu já os vi antes — murmurou Bárbara.

Erick levantou-se e aproximou-se para observar junto com ela.

— O touro representa Lucas. O anjo é Mateus. O leão representa Marcos... e a águia é João — explicou Bárbara, resgatando memórias das épocas em que frequentava a igreja. — São os quatro evangelistas.

— Há um padrão, mas ainda não sei como encaixá-lo — respondeu Erick, forçando a mente em busca de uma conexão lógica.

Beatriz aproximou-se, notando que as quatro portas com os símbolos bíblicos estavam agrupadas de forma mais próxima, enquanto as outras oito eram mais espaçadas entre si.

— Quatro vezes três é doze. Doze menos oito é quatro — cantarolou Beatriz, impaciente. — É, a matemática não está ajudando muito agora.

De repente, Erick percebeu que o relógio em seu pulso estava pulsando, emitindo uma vibração rítmica como se fosse um coração. Ao olhar para Beatriz, viu que ela retirara a ampulheta da bolsa; o objeto brilhava com uma intensidade dourada, quase ofuscante.

Bárbara tocou a porta com o símbolo do touro e, imediatamente, as veias de seu braço saltaram outra vez. Em um movimento instintivo, ela agarrou as mãos de seus dois amigos e disse:

— Vamos abrir as portas juntos...

— Mas e quanto aos artefatos? — perguntou Beatriz.

Erick entregou o relógio a ela e instruiu:

— Segure-os diante da porta. Vamos ver no que dá.

Assim fizeram. Posicionaram-se diante das entradas, com os artefatos brilhando entre eles. Bárbara respirou fundo e começou a contagem regressiva:

— Três... dois... um!

Ao girarem as maçanetas simultaneamente, a casa foi invadida por um brilho branco intenso, deixando-os cegos por alguns instantes. O som de madeira estalando preencheu o ar enquanto a estrutura se desfazia em pequenas partículas, restando apenas um único cômodo suspenso no vazio.

Quando a visão de Erick retornou, ele percebeu que não estavam mais no corredor escuro. Estavam em um quarto sofisticado e vasto. As paredes eram de mármore polido e o chão de madeira nobre, revestida com uma pintura vermelha profunda. Estantes repletas de livros, mesas de estudo e uma cama imponente decoravam o ambiente.

E então, bem ao lado do guarda-roupa, perto de uma janela que dava para lugar nenhum, eles viram: o espelho número um, coberto por um pano empoeirado.

Capítulo 8

O Espelho

1 segundo...

O quarto tornou-se o único refúgio confortável em meio ao caos. Era elegante e acolhedor, contrastando com a frieza das dimensões anteriores. Bárbara deitou-se na cama imponente para descansar, enquanto Beatriz analisava os livros nas estantes; todos estavam escritos em um idioma desconhecido, repletos de símbolos e diagramas abstratos.

Erick, por sua vez, concentrou-se no espelho. Retirou o pano empoeirado e encarou o próprio reflexo. Trajava sua roupa social, a mesma que vestia para ir ao trabalho naquela manhã que agora parecia pertencer a outra vida.

— Por que ninguém me avisou que essa gravata não combina nada comigo? — resmungou, ajustando o nó de seda.

Beatriz continuou a exploração, aproximando-se de uma mesa perto da janela. Sobre ela, havia um modelo mecânico do sistema solar e várias folhas com rabiscos desconexos. Ao chegar à porta de saída, notou uma tranca eletrônica com um teclado numérico.

— Ei! A senha deve ser óbvia, tipo 1234, não? — perguntou ela, digitando os números sem hesitar.

Ao pressionar a última tecla, a tranca emitiu um brilho tão intenso que quase queimou as mãos de Beatriz. Ela recuou, assustada. O quarto estremeceu violentamente; os livros

evaporaram em uma fumaça cinzenta e outros objetos começaram a se desintegrar. Ficou claro: se errassem a senha novamente, o próprio quarto desapareceria com eles dentro.

— Ok... agora estamos ferrados — sentenciou Beatriz, com a voz embargada.

— É uma senha óbvia demais, claro que não funcionaria — disse Erick, suspirando e tentando manter a calma. — Vamos ter que quebrar a cabeça.

Eles vasculharam cada centímetro do cômodo, mas não encontraram algarismos explícitos. Bárbara foi até a janela e observou a névoa lá fora e a escuridão infinita que substituíra o céu. Beatriz voltou ao espelho, analisando-o de cima a baixo.

— Se errarmos mais uma vez, seremos apagados... Droga! — desabafou a hacker, frustrada.

Erick dirigiu-se à mesa e debruçou-se sobre os rabiscos. Usando sua memória fotográfica, ele sobrepôs mentalmente as imagens. Percebeu que alguns desenhos eram fragmentos de outros. Levou as folhas até a luz da janela e começou a alinhá-las meticulosamente, colocando umas sobre as outras em camadas específicas.

O conjunto de transparências formou o desenho exato do espelho. Erick percebeu que o objeto físico era apenas uma distração; o "verdadeiro" espelho era aquele diagrama. No rodapé das folhas alinhadas, surgiu uma anotação manuscrita: *"12x34cm, dividido pelas 4 portas; inclua o elemento mais abundante do universo no início."*

— Doze vezes trinta e quatro é... quatrocentos e oito! Dividido pelas quatro portas do corredor anterior dá... 102! — exclamou Beatriz. — É bom saber um pouco de matemática, o problema é que não faço ideia de qual é o elemento mais abundante do universo.

Bárbara ergueu o olhar, entusiasmada:

— Eu sei! É o **Hidrogênio**! Na tabela periódica, ele é o número um.

Erick caminhou até a porta. O peso da sobrevivência do grupo estava em seus dedos. Se estivesse errado, o vácuo os consumiria. Ele respirou fundo e digitou a sequência: **1102**.

A trava estalou e a porta se abriu, deixando entrar um vento gélido. Todos se aproximaram da saída, mas recuaram instantaneamente.

Parado no umbral, estava um homem vestindo um traje que lembrava uma roupa de astronauta antiga, porém tecnológica. Uma máscara cobria seu nariz e boca, revelando apenas olhos de um vermelho profundo e cansado.

— Quem é você? — perguntou Erick, colocando-se à frente de Bárbara para protegê-la.

O desconhecido deu um passo à frente e sua voz ecoou, abafada pelo traje:

— Olá. Temos muito o que conversar. O tempo está acabando.

Capítulo 9

Futuro

0...

A presença daquele astronauta era perturbadora, especialmente para Bárbara. Ele os encarou em silêncio e fez um gesto seco para que passassem pela porta. Relutantes, eles obedeceram. Erick mantinha a guarda alta, mas sabia que retroceder não era mais uma opção.

Do outro lado, um corredor tecnológico levava a uma sala de observação com uma janela panorâmica colossal. Através do vidro, viram uma estrela branca, pequena e pulsante, cercada por uma estrutura fragmentada de proporções inimagináveis.

— O que é aquilo? — perguntou Bárbara, hipnotizada pelo brilho pálido.

— É um Enxame de Dyson — respondeu o Astronauta. — Está abandonado há centenas de milhões de anos. Não tem mais serventia.

Erick colocou-se à frente do grupo, confrontando a figura:

— O que está acontecendo? Quem é você? E onde, exatamente, nós estamos?

O Astronauta alternou o olhar entre Erick e as garotas. Sua voz soava processada, vinda de algum lugar dentro do traje.

— Sei que estão assustados; é da natureza da sua época. Eu não possuo um nome como os seus, mas, para facilitar a comunicação, podem me chamar de W-047.

Ele caminhou até uma mesa esculpida a partir de minérios de um asteroide.

— Responda às outras perguntas... W-047 — insistiu Erick, sem recuar.

W-047 apontou para a estrela moribunda além da janela.

— O que vocês veem é o Sol, ou o que restou dele. É um núcleo exposto, sem “vida”. Vocês estão em um ponto inimaginável do futuro, uma era dominada por Civilizações de Tipo 3. Os humanos evoluíram até o ponto em que a própria biologia se tornou arcaica.

Beatriz aproximou-se, analisando o traje do interlocutor com olhos clínicos.

— Falando desse jeito, você não parece humano. O que você é? Um alienígena? Uma IA avançada?

— Sou humano, tanto quanto vocês — respondeu W-047. — Porém, com bilhões de anos de evolução acumulada.

Erick bateu na mesa de pedra, perdendo a paciência:

— Então me diga o que está acontecendo! Por que as pessoas na Terra estão morrendo daquele jeito?

W-047 entrelaçou os dedos atrás das costas e começou a caminhar lentamente pela sala.

— Todas as respostas virão, senhor Erick. Neste lugar, o tempo é pouco mais que uma ilusão. Para a sua Terra, ainda restam alguns milésimos de segundo... mas, como eu disse, tudo será revelado no momento certo.

— As pessoas estão morrendo agora! — interveio Beatriz. — Tem como reverter isso? Podemos voltar no tempo e impedir?

W-047 observou o rosto exausto de cada um deles e suavizou o tom:

— Explicarei tudo assim que descansarem. Acreditem, vocês precisarão estar bem física e psicologicamente para o que vem a seguir. Os aposentos estão naquele corredor. Confiem em mim.

Embora a confiança fosse um artigo de luxo que nenhum dos três possuía, o cansaço era soberano. Erick fez um sinal para as garotas e W-047 abriu as portas com um comando sonoro.

Erick ficou em um quarto individual. Era pequeno, repleto de dispositivos estranhos e aparelhos de funções incompreensíveis. A cama, feita de um material inteligente, adaptou-se instantaneamente às suas costas, forçando seus músculos a relaxar.

Enquanto isso, Bárbara e Beatriz partilharam um quarto com duas camas semelhantes. A decoração tinha tons que pareciam mimetizar o gosto da antiguidade deles, misturados a mais tecnologia bizarra.

— Isso é muito estranho... — murmurou Beatriz.

— O quê? Eu achei legal estarmos em um futuro tão... tão distante — disse Bárbara, sentada na beira da cama enquanto provava o que parecia ser um doce sintetizado, com gosto de chocolate.

Beatriz ignorou o conforto e começou a examinar os aparelhos nas paredes. Mexer em sistemas, mesmo os que não compreendia totalmente, era a única coisa que acalmava sua ansiedade.

E assim, enquanto o mundo deles se fragmentava no passado, os três tentaram dormir no silêncio absoluto do fim do universo.

Capítulo 10

Explicações

10^{15} anos no futuro...

Ninguém sabia se era dia, tarde ou noite. Erick permanecia de olhos fechados, mas com os sentidos aguçados, preparado para qualquer eventualidade. Enquanto isso, no outro quarto, Beatriz terminava de desmontar um dos dispositivos tecnológicos. Notou que não havia placas de circuito ou fiação convencional; apenas uma esfera brilhante e minúscula, protegida por um material semelhante ao vidro.

— É, no futuro o pessoal não se preocupa com bateria — comentou ela, fascinada com a engenharia impossível à sua frente.

Bárbara sentou-se na cama, visivelmente inquieta. Começou a revirar sua mochila em busca de seus remédios, mas não encontrou nada. Beatriz percebeu a agitação e perguntou:

— Não consegue dormir, pirralha?

— É que eu... perdi o meu remédio em algum momento — respondeu Bárbara, a voz carregada de ansiedade.

Beatriz observou a colega com atenção. Mesmo convivendo há pouco tempo, os traços eram evidentes. Para tentar se autorregular e lidar com o estresse, Bárbara fazia movimentos repetitivos, buscando algum ponto de equilíbrio no caos.

— Você é autista. Fico admirada por não ter tido uma crise ainda, com toda essa mudança repentina de rotina — disse Beatriz, com uma franqueza que não buscava ferir, apenas constatar.

Bárbara baixou o olhar, sentindo o peso daquelas palavras.

— Queria que todos pensassem assim na escola... mas sou taxada de deficiente e... louca — desabafou, pegando um dos doces futuristas para tentar se acalmar.

Beatriz largou as ferramentas improvisadas e suspirou profundamente. Ela conhecia bem o sentimento de ser o peixe fora d'água, de ser oprimida e julgada até o limite. Lembrou-se de quando decidiu revidar, o que resultou em sua expulsão por agredir colegas que a atormentavam.

— O mundo é uma bosta, Bárbara. Eu sei. Queriam me diagnosticar com TOD e outras siglas que nem lembro. Sabe o que eu fiz? Meti o foda-se — disse Beatriz, pegando o que parecia ser uma bolsa de hidratação.

Bárbara sentiu um alívio genuíno ao ouvir aquilo. Beatriz continuou, olhando-a nos olhos:

— Você não deve usar o seu diagnóstico como uma gaiola. Ele não te define. Todos são loucos por natureza, a diferença é que poucos têm a coragem de admitir.

As palavras atingiram Bárbara de uma forma que nenhum psicólogo jamais conseguira. Ela sentiu os olhos marejarem.

— O-obrigada... — balbuciou a garota, deixando as lágrimas caírem.

Beatriz, desconfortável com demonstrações excessivas de afeto, tratou de cortar o clima meloso:

— Tá bom, tá bom! Não precisa chorar também. Olha, quando tudo isso acabar, eu te mostro os meus computadores, ok?

— Tem jogos? — perguntou Bárbara, enxugando o rosto com a manga da blusa.

— Tenho um de matar monstros e uma versão pirata de Guitar Hero. Na verdade, quase tudo o que eu tenho é pirata — admitiu Beatriz, com um meio sorriso.

Bárbara sorriu de volta, aceitando o convite silencioso para um futuro normal. No entanto, a conversa foi interrompida por Erick, que apareceu à porta com o semblante sério.

— Creio que já descansamos o bastante. Vamos tirar respostas daquele esquisito.

— Vão na frente, eu vou pegar uma coisa aqui — respondeu Beatriz.

Erick e Bárbara seguiram pelo corredor, deixando Beatriz sozinha por um momento. Ela pegou o aparelho que havia desmontado e conectou algumas peças, criando uma "gambiarra" tecnológica. Sua intenção era clara: tentar invadir o sistema daquela estação. Podia não funcionar contra uma tecnologia de bilhões de anos, mas Beatriz não daria um passo sequer sem uma carta na manga contra o astronauta.

Capítulo 11

O Plano

10^{15} anos no futuro...

Todos retornaram à sala com vista para o sol morto. W-047 havia colocado uma música de fundo; uma sinfonia de sua própria era, composta pelas vibrações de elementos atômicos específicos que criavam uma sonoridade clássica e alienígena.

— Que música estranha — resmungou Beatriz.

— A senhorita tem alguma preferência? Posso alterá-la, se desejar — ofereceu W-047, polido.

Beatriz o encarou com desafio:

— Coloque Battery, do Metallica.

W-047 processou o pedido e a música começou. Ele pareceu fascinado pela introdução de violões acústicos antes da explosão das guitarras.

— Battery, do álbum Master of Puppets, 1986. Considerado um dos melhores álbuns de rock e metal de todos os tempos — comentou o astronauta, acompanhando o ritmo. — É uma pena que essa estética tenha se perdido nos milênios.

Erick aproximou-se dele, ignorando a trilha sonora e mantendo os olhos fixos no núcleo estelar lá fora.

— Você disse que explicaria. Então, comece — exigiu Erick.

W-047 respirou fundo e começou a caminhar, as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— Evoluímos tanto nossa tecnologia e nossos corpos que passamos a ser como deuses. Dominamos a matéria e a energia, mas a existência tornou-se... insípida. Sem graça. Então, criamos o que chamamos de “Teias”. Usamos dispositivos como o relógio e a ampulheta para navegar entre elas. Há também a Névoa, que nada mais é do que as lacunas e bugs do processamento. Simulamos a história humana em diversas épocas e contextos, seguindo roteiros. Criamos premiações para quem desenvolvesse a narrativa mais impactante.

Erick ficou perplexo, enquanto Beatriz processava a informação com uma frieza calculista. O astronauta continuou:

— Mas, ao longo dos milênios, alguns criadores tornaram-se orgulhosos. Queriam governar seus próprios mundos simulados como tiranos, o que gerou debates intermináveis. Não fazemos mais guerras — nossa evolução não permite tal barbárie —, então o consenso foi desligar todas as simulações. Mas eu... eu não quero apagar a minha. Adorei a história que escrevi: três heróis improváveis salvando a Terra de um colapso iminente.

O silêncio que se seguiu foi sufocante. A revelação era horrenda: eram apenas linhas de código em um roteiro assinado por um homem do fim dos tempos.

— O que caralhos você disse? — gritou Beatriz, avançando um passo. — Fala de novo, bem perto, pra eu ter certeza que ouvi direito!

— Não há necessidade de tal agressividade, senhorita Beatriz — respondeu W-047, impassível.

Erick interpôs-se entre eles:

— Então somos personagens em uma história sua... e você quer que impeçamos o fim do mundo nesta “Teia” para que sua obra não seja deletada.

— As Teias são apenas testes de design; seu mundo é chamado apenas de Terra — corrigiu o astronauta.

Bárbara, trêmula, aproximou-se de Beatriz, que estava encostada em um painel com os braços para trás, escondendo algo. Erick lançou um olhar assassino para o “Diretor”.

— Certo, Diretor. E como nós, os heróis, salvaremos o dia? — perguntou Erick, com uma ironia cortante.

— Usando isto. — W-047 entregou-lhe uma pequena esfera que pulsava com uma luz intensa. — Quando salvarem a todos, voltem aqui para me contar a sensação. Mal posso esperar para escrever a sequência. Estou tão animado!

Erick observou o objeto e sorriu de forma enigmática, agradecendo. Secretamente, Beatriz guardou seu dispositivo de invasão na bolsa. W-047 ergueu as mãos e uma luz ofuscante envolveu o trio, transportando-os de volta à Terra.

Ao abrirem os olhos, o cenário era o mesmo, mas a percepção mudara. Erick observava as pessoas morrendo nas ruas com um distanciamento frio. Não eram reais. Eram figurantes em um palco de pixels.

— E agora? — perguntou Bárbara, em choque.

Erick permaneceu calado por um longo tempo, processando a verdade. O ódio borbulhava sob sua fachada de controle. Ele apertou a esfera com força.

— Ele quer uma história de heróis? Ele terá uma. Mas ele será o vilão, e será derrotado pelo próprio veneno.

— O quê? Você não vai salvar as pessoas? — Bárbara arregalou os olhos.

— Olhe ao redor, Bárbara! Nada disso é real! Nem o tempo, nem essas pessoas — respondeu Erick, amargo.

Beatriz soltou uma risada curta e seca.

— Estamos na Matrix, e isso é um saco. Mas descobri que o pessoal do futuro não é imune a roubo de dados.

Ela exibiu um pequeno drive improvisado com os dados que conseguira extrair do painel de W-047.

— Qual o próximo passo, então? — quis saber Bárbara.

— Vamos ver o que o futuro nos deu para usar contra o próprio futuro. Erick, qual o plano? — Beatriz esticou as pernas, recuperando a postura de hacker.

Erick olhou para o céu, lembrando-se do sol morto que vira na sala de observação.

— Vamos deixar essa história emocionante — declarou ele, guardando a esfera. — Começa agora o ato final dos heróis.

Capítulo 12

A Invasora

0,1234 segundos...

Eles estavam preocupados demais com o fim do mundo. Era uma tensão tão profunda que já nem transparecia em seus rostos; tornara-se o novo normal.

Enquanto caminhavam, passaram por uma loja de conveniência e compraram mantimentos. Erick usou todo o dinheiro que tinha na carteira — afinal, nada era real e o papel-moeda logo perderia o sentido. Bárbara comprou um sorvete e comentou enquanto caminhavam sob o sol simulado:

— Aquele astronauta é tão melancólico. Será que no tempo deles não há namoros? Casamentos? Jogos? Algo para se divertir, pelo menos...

Beatriz ajeitou os óculos de sol que acabara de comprar e sorriu de lado:

— Vamos descobrir o que os homens do futuro escondem. Fiquei curiosa. Vamos passar naquela cafeteria; preciso transferir esses arquivos para um pendrive de verdade.

— Espero que ninguém a reconheça — disse Erick, lembrando-se das vezes em que o rosto da amiga estampara os noticiários policiais. — Embora agora a polícia provavelmente tenha problemas maiores do que rastrear uma hacker.

Na cafeteria, Beatriz transferiu quase 1 TB de dados. Para sua surpresa, nenhum arquivo estava criptografado — talvez por arrogância de W-047, que não esperava ser roubado por "personagens". Depois, seguiram para o parque da cidade. O calor era intenso. Sentaram-se para descansar; Erick observava os pássaros, Bárbara perdia-se no movimento das folhas ao vento e Beatriz encarava o céu com olhos analíticos.

— Como pode tudo isso não ser real? É tão lindo... — lamentou Bárbara, abrindo um picolé.

— Para nós é mais real do que para os outros. Ou os outros são mais reais que nós. Sinceramente? Não me importa — rebateu Beatriz.

— Faça como eu, Bárbara. Aceite — aconselhou Erick. — Se refletir demais sobre o tecido da realidade, sua mente vai quebrar. Apenas relaxe.

Minutos depois, partiram para a casa de Beatriz. O lugar era uma fortaleza fechada, impregnada pelo perfume forte e adocicado que ela adorava. O quarto era o caos clássico de uma hacker: quatro computadores, tablets, celulares de várias gerações, uma televisão de tubo e pilhas de caixas de pizza e copos de café.

Beatriz plugou o pendrive. O sistema reconheceu os arquivos instantaneamente. Ela estalou os dedos, os olhos brilhando diante do monitor:

— Vamos ver o que temos aqui...

Ao pesquisar por "heróis", encontrou dossiês detalhados sobre cada um deles: gostos, traumas, composições biológicas e anotações de "design". Descobriu uma pasta chamada Objetos Descartados, onde versões anteriores do roteiro sugeriam itens diferentes: Beatriz teria um pêndulo; Erick, um temporizador; e Bárbara, uma boneca que marcava as horas. Havia até arquivos de "armas" e "magia".

Vasculhando mais fundo, a estranheza do futuro se revelou. Arquivos indicavam reprodução assexuada e tecnologias que desafiavam a física quântica. Mas foi na pasta intitulada Terra que Beatriz encontrou o "Santo Graal": o roteiro.

O plano de W-047 não era salvar o mundo, mas "ajustar" a narrativa para ganhar um prêmio. As pessoas morriam de infarto fulminante porque o poder do relógio e da ampulheta acelerava o tempo apenas nos corações das vítimas, envelhecendo-os bilhões de anos em segundos. O "script" impedia que qualquer pessoa comum visse as mortes para não gerar pânico desnecessário na história do Diretor.

— Que clichê barato — debochou Beatriz. — Vou dar um toque de livre-arbítrio nisso aqui.

Ela começou a digitar freneticamente, alterando as linhas de comando: “As pessoas sentem leves dores no peito, mas não morrem. O script de invisibilidade está deletado. Ativar consciência individual.”

— Sou horrível escrevendo histórias, mas pelo menos essa vai ser interessante — disse ela, finalizando a edição.

5.000.000.000 de anos para o Fim...

— Ótimo, agora sabemos como isso termina. Vamos voltar para o astronauta — declarou Erick.

Ao saírem da casa, porém, o mundo já não era o mesmo. Viram um homem parado no meio da rua, olhando para as próprias mãos. Ele virou-se para o grupo enquanto sua pele se desintegrava em cinzas e perguntou, com uma voz carregada de terror:

— Onde eu estou? Quem sou eu?

Ele desapareceu, mas o grito ecoou. Ao redor, outras pessoas começaram a surtar. Elas ganharam consciência de que eram apenas personagens, mas não tinham memórias reais para sustentar essa percepção. O bug foi instantâneo. O pânico, que antes era escondido pelo roteiro, agora era absoluto.

— Merda... acho que fiz uma cagada — murmurou Beatriz, vendo o caos se espalhar.

Erick olhou para a esfera azulada que W-047 lhe dera e, em um ato de fúria e desespero, arremessou-a contra o asfalto. Ela se estilhaçou. As pessoas pararam de morrer, mas o mundo estava quebrado. O silêncio fora substituído por murmúrios de milhares de consciências despertas e apavoradas.

— Não sei o que aconteceu, mas algo mudou — disse Erick, firme. — Acho que agora temos que explicar as mudanças de roteiro para o Diretor.

Beatriz sorriu, ajustando sua bolsa com o pendrive:

— Vamos lá enfrentar o vilão.

Erick apertou o botão do relógio. Em um piscar de olhos, a luz os consumiu e os cuspiu de volta à sala de observação do fim do universo. O confronto final havia começado.

Capítulo 13

O Sol Morto

10^{15} anos no futuro...

O futuro era um lugar onde o tempo havia perdido a substância. Um milênio ali não passava de um cochilo à tarde. W-047 sabia o quão entediante era habitar um plano onde a evolução biológica fora estagnada por uma perfeição vazia. Cada ser humano alcançara um estado divino, mas a eternidade cobrara seu preço: a perda de estímulos, emoções, dor ou calor. Nada restava, exceto uma nostalgia sintética recriada nas Teias. A tecnologia chegara ao ápice em um eco silencioso, onde buracos negros eram moldados como argila.

Lá estava ele, o Astronauta, observando o Enxame de Dyson que orbitava uma anã-branca moribunda. Ao fundo, a sala era preenchida pelos acordes de Symphony of Destruction, do Megadeth. Ao ver o grupo entrar, ele comentou sem se virar:

— Uma bela canção. Eu poderia usá-la como trilha sonora para este clímax, não acham?

— Salvamos o seu mundo, Diretor. Aqui estão os seus heróis — disse Erick, a voz carregada de veneno.

W-047 virou-se lentamente, encarando seus personagens.

— Eu adoraria escrever uma sequência. Mas... o código está quebrado. Os figurantes despertaram e estão questionando a própria existência.

Beatriz e Erick deram um passo à frente. O confronto era inevitável; o criador descobrira a insurreição.

— Como puderam? Eu os criei para serem os melhores! Os heróis! E agora minha própria obra se volta contra mim... — lamentou W-047, cabisbaixo.

— Sua história é um lixo pretensioso e cruel! — gritou Beatriz. — E nós vamos acabar com ela agora!

O Astronauta olhou para a estrela morta, tentando resgatar alguma ideia original, mas sua mente só produzia cópias. Ele pegou a miniatura da Terra em suas mãos e a esmagou entre os dedos metálicos.

— Vocês foram os únicos que ganharam consciência plena e enfrentaram o autor... Interessante — ele começou a flutuar, a pressão na sala aumentando. — Então serei o seu chefe de fase. Que assim seja!

Com um gesto telecinético, W-047 arremessou Erick contra as estátuas de mármore, que se estilhaçaram com o impacto. Bárbara foi erguida no ar por uma força invisível, sufocando. Enfurecida, Beatriz saltou sobre o Astronauta, golpeando o capacete dele com toda a sua fúria.

— Tão fracos... — murmurou ele, jogando Beatriz contra uma estante de utensílios tecnológicos.

Ele encarou os olhos de Bárbara, apreciando o medo da garota. Erick, coberto de sangue, levantou-se e atingiu o Astronauta com o relógio prateado, agarrando-se ao traje e arrancando os tubos de suporte vital. Mas o poder de W-047 era absoluto; ele golpeou Erick novamente, lançando-o contra a janela panorâmica com tal força que o vidro blindado trincou de ponta a ponta.

— Vou refazer tudo e colocá-los em um loop eterno de tortura — sibilou W-047. — Vocês me irritaram de verdade.

Bárbara, em um último esforço, usou as mãos trêmulas para arrancar os conectores do pescoço do traje. Pela primeira vez, o Astronauta pareceu ofegante.

— Você... é um... monstro... — sussurrou Bárbara, lutando por ar.

Beatriz surgiu das sombras, cravando uma lâmina de plasma improvisada no peito de W-047. Ele não sentiu dor, mas a fúria o fez arremessar a hacker repetidamente contra as paredes, quebrando seus ossos um a um. Erick, totalmente debilitado, tentava rastejar na direção deles.

— Solta ela! — gritou Erick, a voz falhando.

— Bárbara... a Sensitiva. Eu sempre tive afeto por você. Mas terei que encerrar sua participação — decretou o Diretor.

Erick reuniu suas últimas forças para um ataque final, tentando desmantelar o traje, mas foi repelido com uma força devastadora. De joelhos e com o corpo quebrado, ele só pôde assistir. Bárbara, em lágrimas, olhou para os dois e sorriu fracamente:

— Amigos... eu amo vocês...

W-047 fechou o punho. O corpo de Bárbara estremeceu e, diante dos olhos horrorizados de Beatriz e Erick, ela começou a se desfazer em cinzas brancas. Erick fechou os olhos, seu próprio corpo falhando enquanto a simulação o descartava. Suas cinzas, negras como o carvão, misturaram-se às cinzas alvas de Bárbara, voando pelo salão como um espectro fúnebre.

Beatriz soltou um grito que pareceu rasgar o tecido do universo. Ela tentou agarrar as cinzas dos amigos, mas elas escapavam por entre seus dedos feridos.

— Só restou você — disse W-047, pairando sobre ela.

Beatriz ergueu o rosto, banhado em sangue e lágrimas, mas seus olhos brilhavam com uma ira inabalável. Ela pegou a ampulheta e levantou-se com dificuldade, apontando-a para o Astronauta como uma arma.

— Você vai pagar... todos vocês! — rugiu ela. — Ninguém verá o fim dessa merda de história! Ninguém!

— O que você está fazendo? — perguntou o Diretor, sentindo uma oscilação estranha na energia da sala.

Uma luz intensa e uma fumaça densa envolveram Beatriz. O salão começou a ser consumido por um clarão branco. Antes de desaparecer, ela sentenciou:

— Eu vou caçar cada um de vocês que ousa brincar de deus! Não importa onde se escondam!

Um feixe de luz atravessou a estação, e Beatriz desapareceu completamente, levando consigo a energia da ampulheta. O Astronauta ficou em silêncio, observando seus ferimentos e a estrela morta lá fora. O Diretor agora era o vilão de uma história real, e a morte acabara de jurar vingança contra ele.

Parte 2 — Luz na Escuridão

Capítulo 1

Opressão

1941.

A França havia caído e a Inglaterra sofria ataques aéreos constantes. Em Londres, o som das sirenes era a trilha sonora de um cotidiano de terror; pessoas se refugiavam em bunkers improvisados enquanto as bombas alemãs caíam dia e noite. Para quem estava ali, aquele era, sem dúvida, o fim do mundo.

Porém, naquela "Teia" específica, havia heróis. Dois indivíduos que utilizavam armas e intelecto para deter as ofensivas. Eles contra-atacavam com canhões experimentais disparados em direção a Berlim.

— Isso é demais! Morram, chucrutes! — gritou a heroína, Alice, com um sorriso feroz.

— Não se anime tanto, Alice. Ainda temos muita guerra pela frente — advertiu Tobias, o herói ao seu lado, mantendo o pragmatismo.

Alice era uma jovem sensitiva, capaz de detectar as fendas que levavam às Teias. Mas, naquele instante, o que ela sentiu foi algo muito pior do que uma simples abertura dimensional. Enquanto os soldados comemoravam o sucesso do contra-ataque, ela

caminhou lentamente em uma direção aleatória, atraída por uma energia densa e hostil, diferente de tudo o que conhecia na Névoa.

Subitamente, o céu de Londres rachou. O firmamento partiu-se como vidro temperado sob pressão. Todos paralisaram quando uma figura despencou das alturas, colidindo contra o solo perto deles. Tobias correu para ajudar; reconheceu o traje.

— C-39! Você está ferido! O que está acontecendo no alto escalão? — perguntou Tobias, tentando estancar os sangramentos do homem.

C-39 estava com o traje tecnológico totalmente retalhado, o corpo coberto por cortes profundos que pareciam brilhar com uma energia residual. Ele agarrou o braço de Tobias com força desesperada:

— Não tem como lutar contra... eu...

— Lutar contra quem? — questionou Tobias, mas a resposta veio antes das palavras.

Alice sentiu um vulto passar por ela. Um calafrio violento percorreu sua espinha. Ao olhar para o lado, viu uma figura caminhando lentamente. A pessoa usava uma máscara indígena imponente, no estilo Tupi-Guarani, e um chapéu preto de abas largas que sombreava seu rosto. Na mão, segurava firmemente o punho de uma espada.

— Quem é você? — gritou Tobias, sacando sua arma e apontando.

A figura ignorou o aviso. Tobias disparou, mas ela desviou com uma fluidez sobrenatural. Em um movimento quase invisível aos olhos humanos, ela contra-atacou. A lâmina atravessou o ar e, no segundo seguinte, a cabeça de Tobias rolou pelo chão. Seu corpo, em vez de sangrar, desintegrou-se instantaneamente em cinzas negras.

— O que... o que é isso? — perguntou Alice, paralisada pelo terror.

— Invasora... — balbuciou C-39, a voz morrendo na garganta.

A mulher afundou o pé no peito do oficial ferido e cravou sua espada — uma lâmina reluzente, forjada com materiais exóticos extraídos de diferentes Teias. O sangue dele jorrou, manchando o vestido carmesim da atacante. Ao redor deles, o cenário começou a bugar; os prédios de Londres e as pessoas nos bunkers começaram a desaparecer como pixels corrompidos.

— Q-quem é você? — perguntou Alice, sentindo suas próprias mãos começarem a virar cinzas.

Enquanto a névoa envolvia o corpo da Invasora e aquela realidade era deletada sistematicamente, ela finalmente respondeu com uma voz fria e cortante:

— Beatriz, a Invasora.

Capítulo 2

Medo Interno

10^{15} anos no futuro...

Toda a rede de Teias sofria apagões inexplicáveis. Diretores desapareciam junto de suas criações, deixando para trás apenas cenários corrompidos e rastros de sangue. A crise forçou uma reunião de emergência em um planeta anão, orbitando uma estrela moribunda envolta por um Enxame de Dyson. W-047 estava presente, ainda tratando os ferimentos profundos em seu corpo físico.

Os Diretores reunidos eram H-60, J-12, B-50 e **A***, o mais experiente e antigo de todos.

— Isso está saindo do controle, camaradas. Cada Teia é simulada instantaneamente, mas elas estão sendo destruídas de forma irreversível — declarou J-12, a voz carregada de uma preocupação rara para a sua espécie.

— Não sabemos quem é o inimigo. Não creio que seja uma raça inferior, como aquelas que encontramos na Constelação de Sagitário. Mas projetei algo que pode lhes interessar — disse B-50, ativando um holograma complexo.

O projeto era um antivírus: um código agressivo projetado para percorrer toda a Rede e erradicar a anomalia. H-60 aprovou a iniciativa, embora temesse que o algoritmo pudesse corromper estruturas fundamentais das Teias saudáveis. A* permaneceu em silêncio, observando as cicatrizes de W-047.

— W-047, você foi o único que a enfrentou. Tem ideia de quem, ou o que, invadiu o sistema? — perguntou A*.

W-047 levantou-se com dificuldade, o traje emitindo bipes de suporte médico.

— Vim a esta reunião para alertá-los. O inimigo não é uma força externa, mas uma personagem que concebeu consciência própria. Tentei manipular seus arquivos de origem, mas estão todos corrompidos. O mundo dela tornou-se um ponto cego no mapa; não pode mais ser acessado.

A* levantou-se, sua presença preenchendo a sala.

— Forneça o seu registro, W-047.

— **1234-1102**.

O Diretor mais experiente executou o código, acessando o backup de memória de W-047. Ele processou a jornada dos três heróis originais e viu o momento exato em que Beatriz desapareceu em um feixe de luz. A* pausou a imagem, analisando os pixels da realidade. O brilho não emanava da ampulheta, mas de uma rachadura dimensional que surgira e desaparecera em milissegundos.

— Uma fissura no espaço-tempo... — murmurou A*. — Ela está recebendo ajuda externa. Alguém do futuro, ou de um passado muito distante, está fornecendo tecnologia que nós mesmos ainda não estabilizamos.

O anúncio causou um choque coletivo. Violar as leis do tempo era a regra suprema; se alguém possuía essa capacidade, significava que existia uma tecnologia superior à dos próprios Diretores. A* silenciou a sala com um bater de palmas autoritário.

— Não seremos caçados em nossa própria rede. Vamos criar heróis para combater esta vilã, irmãos. Este será o nosso "antivírus" biológico. Criaremos seres com poderes divinos, destinados apenas a erradicar esta Invasora.

A ideia era promissora e, para seres que viviam de entretenimento, era a premissa de uma história épica. Todos concordaram em unir seus poderes de processamento para criar os heróis mais poderosos de todos os tempos.

— E você, W-047, terá o dever de projetar o cenário perfeito para o confronto final. Seja criativo. Não falhe novamente. Esta reunião está encerrada — sentenciou A*, desaparecendo em um vórtice de dados.

W-047 ficou sozinho na sala fria. Ele teria que lidar com sua própria criação: a humana que abandonou o roteiro para se tornar o carrasco de seus próprios deuses.

Capítulo 3

A Nevoa Sangrenta

[error 505]

“Eu não sinto mais o passar dos anos. Não sinto remorso ao matar aqueles sujeitos. Eu sinto... algo. Parece que quanto mais eu destruo, mais eles surgem. Pelo menos consigo materiais para aprimorar meu equipamento... Bom, espero que este aniversário seja melhor que o último. Se minhas contas estiverem certas, devo estar com 26 anos. Ou 27? Não importa. Sinto falta de vocês. O mundo virou uma devastação depois que mexi naquele roteiro maldito. O que restou foram simulacros com consciência, mas sem propósito. Vagabundeiam sem destino por

uma terra de ninguém. Eu tentei consertar, mas não houve jeito. Pelo menos as florestas continuam de pé, embora a chuva não funcione mais no código. A água é infinita, uma falha conveniente no sistema. Acho que é isso. Sou horrível com diários. Queria que vocês estivessem aqui, amigos."

— Feliz aniversário para mim — murmurou Beatriz, assoprando uma pequena vela solitária.

Ela encarou o céu noturno após apagar a chama. A floresta, apesar da vida animal vibrante, era artificial. Aquele céu também era uma projeção. Após alguns minutos deitada entre as raízes, o estalo de um galho quebrando a trouxe de volta à realidade. Em um reflexo treinado, sacou a espada de plasma, mas paralisou ao ver que era apenas uma garota, trêmula e perdida.

— Onde eu estou? Eu estou com medo! — soluçou a menina.

Beatriz sabia que era inútil dialogar com os habitantes daquele mundo; estavam todos "bugados" pela consciência súbita. Mesmo assim, respondeu mecanicamente:

— Vá para casa. Está tarde.

A garota fixou os olhos em Beatriz e articulou:

— Casa...

Beatriz estacou. O coração, que ela acreditava estar blindado, falhou uma batida.

— Espera... você me ouviu? — perguntou, embainhando a lâmina lentamente.

— Sim. Eu não tenho problema de audição — rebateu a garota, com uma ponta de irritação genuína.

Aquilo era impossível. Os NPCs daquela Teia não respondiam a estímulos lógicos, nem mesmo se fossem atacados. Aquela garota era uma anomalia: alguém que recebera consciência e mantivera a sanidade.

— Qual o seu nome, pirralha? — Beatriz indagou, mantendo a guarda baixa, mas os sentidos alertas.

— Ana. E o seu?

Beatriz hesitou. Revelar o nome era criar um elo, e elos eram perigosos. Mas Ana era uma exceção matemática que ela não podia ignorar.

— Beatriz.

Ana olhou ao redor e sorriu para a Invasora, um gesto de inocência que parecia deslocado naquele mundo quebrado.

— Eu queria comer algo... — começou Ana, mas foi interrompida pelo gesto brusco de Beatriz pedindo silêncio.

Beatriz olhou para cima. As estrelas estavam desaparecendo. Uma a uma, apagavam-se como lâmpadas queimadas. Até a Lua foi consumida por uma escuridão súbita. Então, o céu rachou, partindo-se em fragmentos de vidro dimensional. Das fendas, jorrou a Névoa Vermelha.

Ao contrário da névoa cinzenta das dimensões bugadas, aquela era um protocolo de purgação. Um "delete" físico enviado por W-047 e A* para apagar cada linha de código daquela Teia. Eles não sabiam que Beatriz estava lá; queriam apenas descartar o lixo.

— Meu Deus! O que é aquilo? — gritou Ana, agarrando-se à cintura de Beatriz.

A Invasora encarou o rastro sangrento no céu com um ódio que ardia mais que o plasma de sua espada.

— Não saia de perto — ordenou Beatriz. — E tente não vomitar em mim.

— O quê?

Beatriz ergueu a espada e a girou em um arco violento, conjurando um vórtice de energia que as arrancou do chão. Ana gritou a plenos pulmões enquanto a realidade ao redor delas se desintegrava.

Segundos depois, o impacto. Elas surgiram em uma Teia Abandonada. Era um lugar onde a física fora esquecida pelos Diretores: prédios e castelos flutuavam em ângulos impossíveis; o céu servia de solo, adornado por nuvens que choviam para cima.

— O que é isso? Onde estamos? — perguntou Ana, tonta pela viagem dimensional.

Beatriz não respondeu. Seus olhos estavam fixos no horizonte distorcido. A purgação quase as pegara. W-047 estava tentando limpar os rastros, mas ele acabara de dar a Beatriz exatamente o que ela precisava: o rastro de energia de volta para o Diretor. A vingança ainda era o seu único norte.

Capítulo 4

[error 505]

Apesar de a Teia abandonada não fazer o menor sentido, era um ótimo local para uma fuga. Porém, Beatriz não queria fugir — mas, com aquela garota por perto, parecia ser a única alternativa.

— Que lugar esquisito! Parece um sonho de uma noite longa… credo! — disse Ana.

Beatriz apontou a espada para o rosto de Ana, que, assustada, recuou.

— Você não é da simulação — disse Beatriz.

— O quê? Do que você tá falando? — perguntou Ana.

Beatriz aproximou ainda mais a lâmina.

— Se você é da simulação, o que acontecia na Terra antes de ganharem consciência?

Ana encarou a invasora. No mesmo instante, afastou a espada com a mão e a agarrou, aplicando um mata-leão. A invasora reagiu rápido, arremessando Ana contra um prédio — mas ela se recompôs e contra-atacou, lançando pedras.

As duas começaram a trocar socos e golpes até que, em um movimento simultâneo, se atingiram. Ana apontou o braço na direção da invasora, que ergueu a espada em resposta.

O braço de Ana se transformou em um canhão.

— Não me force a fazer isso, invasora! Já perdemos muitos guerreiros contra aqueles malditos!

— Quem te enviou? Algum Diretor? — perguntou Beatriz.

As duas se encararam como predadores prontos para atacar.

Ana então abaixou o braço.

— Eu estou em guerra contra eles também. Estou aqui para te ajudar… e para que você me ajude.

Beatriz não baixou a guarda. Já havia outros lutando contra os Diretores.

— Ajudar? — perguntou.

— Nós admiramos o seu trabalho até agora, mas ele é ineficaz. Você destruiu várias Teias, mas esse não é o melhor caminho — respondeu Ana. — Você vai precisar de nós… os Iluminados.

Beatriz abaixou a espada e encarou aquela “criança”.

Ana tirou um cartão e o lançou em sua direção.

— Quando estiver pronta, é só rasgar. Estaremos esperando. Adeus.

Ela quebrou uma pequena esfera e desapareceu.

Beatriz analisou o cartão. Uma estrela que dissipava a escuridão.

— Iluminados… — sussurrou.

Capítulo 5

Céu

[error 505]

“Como pode tudo isso não ser real? É tão lindo...”

Beatriz abriu os olhos após um descanso inquieto. Ela detestava quando o subconsciente trazia à tona as lembranças que mais tentava enterrar: Bárbara e Erick. Embora tivessem se conhecido por pouco tempo, o laço forjado no fim do mundo fora mais real do que qualquer código de simulação. Mas essas memórias, agora, eram apenas âncoras de angústia.

Ela levantou-se e flutuou até o chão feito de nuvens sólidas; ali, a gravidade era uma mera sugestão. Ajustou a máscara no rosto e pegou o cartão que Ana lhe dera.

— Espero que seja uma cilada — murmurou sarcasticamente, preferindo uma luta a um mistério.

Seguindo a instrução da garota, ela rasgou o cartão. Instantaneamente, uma fumaça azulada envolveu seu corpo, formando um tornado rítmico que girava em sentido horário. Quando a pressão dissipou, a Invasora viu-se no topo de uma montanha colossal. Ao redor, um oceano infinito cujas águas pareciam mais densas e escuras do que qualquer mar da Terra.

A luz da estrela local era pálida, mal vencendo a penumbra do lugar. Beatriz notou que os flocos de neve, em vez de caírem, flutuavam suspensos no ar, delineando um caminho invisível no topo da montanha. Ao dar o primeiro passo, confirmou a suspeita: o céu ali era uma estrada plana e invisível. Com passos firmes, ela seguiu em direção ao desconhecido.

Lá, esperando-a, estava uma mulher de cabelos brancos e longos, vestindo túnicas azuis e portando um guarda-chuva delicado.

— Fui convidada por uma garota chamada Ana. Onde ela está? — questionou Beatriz.

A mulher virou-se, revelando olhos que brilhavam com a intensidade de dois sóis em miniatura.

— Os Iluminados exigem um teste, Convidada. Três enigmas arcaicos que poucos conseguem decifrar. Erre uma vez, e sua entrada será proibida por toda a eternidade.

Beatriz deu de ombros, mas aceitou. A Mulher então recitou:

— "Faço parte de tudo e estou no final do espaço e do tempo. Quem sou eu?"

Beatriz parou por um instante. Sua mente hacker buscou variáveis lógicas, mas ela acabou canalizando a forma como Erick e Bárbara pensariam. Um era a lógica pura, a outra via o que ninguém mais enxergava. Ela sorriu por trás da máscara.

— O ponto final. Ou, se preferir, a letra "O" — respondeu Beatriz.

— Correto — a Mulher não demonstrou emoção. — O próximo: "Você pode me quebrar, mas não pode me tocar ou pegar. Quem sou eu?"

Beatriz travou. O conceito parecia abstrato demais. Seus pensamentos começaram a embaralhar até que uma conversa antiga ecoou em sua mente: "Olha, quando tudo isso acabar eu vou te mostrar todos os meus computadores, ok?". Aquela promessa nunca cumprida era uma ferida aberta.

— A promessa — disse Beatriz, a voz um pouco mais rouca.

— Correto. Agora, o último: "Sou doce para quem sofre, mas amarga quando enfim apareço. Não sou a justiça, mas caminho ao lado dela. Chego tarde, mas nunca esqueço. Quem sou eu?"

Desta vez, não houve hesitação. Beatriz não precisou raciocinar; a resposta estava gravada em sua alma desde o momento em que viu as cinzas de seus amigos se misturarem. Ela fechou os punhos com força.

— A vingança!

— Correto.

A Mulher fechou o guarda-chuva e apontou para a estrela pálida. O mundo ao redor começou a se reconfigurar violentamente. A montanha ergueu-se enquanto o oceano

retrocedia, e Beatriz foi lançada para dentro de uma caverna vasta, cujas paredes estavam repletas de artes rupestres e desenhos que pareciam contar a história de todas as Teias já criadas.

— Pra que tanta burocracia? — resmungou ela, limpando a poeira do traje, já perdendo a paciência com o misticismo dos Iluminados.

Capítulo 6

Submundo

[error 505]

A caverna era exígua, mas cada centímetro de pedra estava saturado de inscrições. Alguns desenhos eram meras abstrações que desafiavam a compreensão de Beatriz. Ao notar que não havia saídas físicas, ela suspirou; era mais um teste de paciência.

— Se vocês me querem tanto aqui, parem de me forçar a provar do que sou capaz! — bradou Beatriz para o silêncio da rocha.

Sem resposta, ela voltou-se para as pistas. No chão, palavras de diferentes tamanhos estavam gravadas de forma dispersa. Juntando as peças, ela leu a frase fragmentada: “Ponteiro. Segundos. Teia. Névoa. Relatividade. Futuro. Passado. Presente. Início. Meio. Fim...?”

Beatriz respirou fundo, tentando canalizar o pragmatismo de Erick. Ela percebeu que os conceitos temporais estavam em uma desordem proposital. Usando uma pedra lascada, escreveu na parede a sequência que julgava correta sob a lógica daquelas Teias: Início, Passado, Presente, Futuro, Meio, Fim.

No instante em que terminou, o solo tremeu e uma rocha maciça deslizou. Beatriz recuou para ganhar perspectiva e percebeu que as artes rupestres, antes sem sentido, agora se alinhavam perfeitamente para formar o desenho de um relógio ancestral. Sem hesitar, ela usou a pedra para marcar o horário que se tornara sua marca: 12:34.

As engrenagens de pedra rangeram novamente, revelando uma forma hexagonal. Restavam as palavras: Teia e Névoa. Mas a solução não seria linear. Pensando na estrutura das dimensões que atravessara, ela teve uma ideia inusitada: escreveu as palavras não em linhas, mas conectando as letras como fios de uma teia de aranha.

Ao terminar a última conexão, o desenho transformou-se em uma estrela radiante que emitiu um brilho cegante.

Quando a visão de Beatriz voltou, ela não estava mais na caverna. Encontrava-se em uma sala vasta e minimalista, onde havia apenas uma mesa de centro com uma caixa de madeira e um bilhete:

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida. — Provérbios 4:23”

Ela sabia que não era um conselho religioso, mas um comando de segurança. O que deveria ser guardado? O coração de Beatriz estava envenenado pela vingança, e ela compreendeu que, para avançar, precisaria proteger sua essência antes que o ódio a consumisse por completo. Em um gesto de entrega, ela retirou sua máscara indígena — o símbolo de sua persona “Invasora” — e a depositou dentro da caixa.

As luzes do salão acenderam-se com suavidade, e Ana surgiu das sombras, batendo palmas.

— Você está aprovada! Parabéns, Beatriz. Você provou ser uma humana de verdade.

A Invasora encarou a garota com uma expressão de tédio forçado:

— Isso não muda o fato de que vocês são chatos pra cacete. Eu odeio enigmas e charadas, pirralha.

Ana sorriu, ignorando a grosseria. Com um estalar de dedos, as paredes da sala se expandiram e transformaram-se em estantes infinitas que subiam até perderem-se de vista.

— Bem-vinda à Biblioteca Iluminada! O último local onde os livros impressos são preservados com tecnologia de ponta. Esta é a nossa base de operações — anunciou Ana, orgulhosa.

Beatriz retirou o chapéu preto, passando a mão pelo cabelo bagunçado enquanto observava a imensidão de papel e tinta.

— Tudo isso para eu ler livros? Eu preferia uma batalha... Que merda — resmungou, embora seus olhos brilhassem com a curiosidade típica de quem acaba de encontrar o maior banco de dados do universo.

Capítulo 7

A Biblioteca

10^{15} anos no futuro...

"Aqui tem cheiro de lavanda. Fazia tempo que não sentia. De qualquer forma, há poucas pessoas aqui, chamadas de Escrivães. Dos Iluminados eu só vi a Ana mesmo... ou todos esses caras são os Iluminados? Se forem, acho que estou ferrada."

Beatriz caminhou pelos corredores, observando as estantes que pareciam desafiar a gravidade. Havia livros de todos os gêneros e tamanhos, organizados em seções que se estendiam por quilômetros. Ana se aproximou carregando uma xícara fumegante, depositando-a sobre a mesa de carvalho.

— A cafeína era muito utilizada no seu tempo. Pensei que gostaria de um pouco — disse Ana, com um sorriso acolhedor.

A Invasora pegou a xícara e sorveu o líquido. O sabor era perfeito, despertando memórias de madrugadas em claro diante de monitores. Mas ela sabia que aquela hospitalidade tinha um preço informativo.

— Agora que estou aqui, diga quem são vocês e qual o plano para derrubar os Diretores — exigiu Beatriz, direta.

Ana respirou fundo, sentando-se à frente dela.

— Vou tentar resumir tudo para você, Beatriz...

— Há muito tempo, em uma escala onde os milênios são insignificantes, os humanos alcançaram o ápice. Tornaram-se uma Civilização Tipo 3 na Escala de Kardashev. Dominaram a Via Láctea, Andrômeda e além. Bilhões de Enxames de Dyson cobriam o céu, sugando cada gota de energia estelar. Mas a perfeição estagnou a espécie. Não havia mais para onde evoluir. As guerras cessaram e as ameaças externas foram silenciadas pelo que chamam de Grande Filtro.

Ana fez uma pausa, olhando para as fileiras de livros.

— Eles tinham tudo, mas não sentiam nada. O amor, o ódio e a empatia haviam sido drenados pela lógica absoluta. Para resgatar o que perderam, criaram a Teoria das Teias. No início, eram simulações tecnológicas, mas logo se tornaram palcos de entretenimento. Eles precisavam sentir emoções através de nós, como os antigos faziam com filmes e séries.

Beatriz ouvia em silêncio, o café esfriando na mão.

— Para cada Teia, há uma “Narrativa” — continuou Ana. — Um código que dá privilégios aos protagonistas sobre os figurantes. Para testar essas histórias, criaram a Névoa. Para deletá-las quando perdem a graça, criaram a Névoa Sangrenta. Eu sei disso porque eu fui uma dessas protagonistas. Eu era Ana, a Guerreira. Minha função era salvar o mundo de invasões alienígenas, dia após dia.

O olhar de Ana tornou-se sombrio.

— Eu me sentia viva, mas percebi que os figurantes eram ocos. Eles entravam em pânico sob comando, mas não reagiam se eu saísse do script. Quando ganhei consciência, meu Diretor tentou formatar meu mundo. Eu o confrontei. Nós lutamos, eu o matei e tomei o conhecimento dele sobre as Teias. Passei séculos navegando pela Rede, encontrando outros como eu e formando os Iluminados.

— Isso foi um resumo bem resumido, senhorita Beatriz — concluiu a garota.

Beatriz terminou o café de um gole só, sentindo a mente latejar com a escala daquela revelação.

— Graças a Deus não foi a história completa — ironizou a hacker.

Ana levantou-se, os olhos brilhando com uma nova determinação.

— Sobre o plano? Simples: vamos invadir o Computador Central e desativar todas as Teias de uma só vez. Acabar com o jogo para sempre.

— “Nós” quem? Só vejo você e esses... Caras — rebateu Beatriz, olhando ao redor.

Ana sorriu, como se ouvisse algo que Beatriz ainda não podia perceber.

— Eles já estão a caminho... Confie em mim, Beatriz. Você não é a única Invasora nesta guerra.

Capítulo 8

Atuação

10^{15} anos no futuro...

“Onde é que eu vim parar...?”

Beatriz caminhava ao lado de Ana pelos corredores intermináveis, cujas prateleiras de carvalho pareciam guardar o peso da eternidade. Chegaram a um salão central dominado por mapas holográficos de diversas Teias — cada uma com sua própria estética, clima e regras físicas. Era fascinante e terrível notar que cada mundo era uma peça única no tabuleiro dos Diretores.

— Eles logo chegarão. É só esperar — afirmou Ana, os olhos fixos na grande janela que revelava o vácuo estrelado.

O tempo passou, mas o silêncio da Biblioteca permanecia absoluto. Beatriz notou o suor frio na têmpora de Ana e a forma como suas mãos tremiam. Instintivamente, a Invasora pousou a mão no cabo da espada. Algo estava errado. Muito errado.

— Eles... eles deveriam estar aqui. São pontuais — sussurrou Ana, a voz falhando.

— Talvez tenham sido interceptados — sugeriu Beatriz, os sentidos aguçados.

— Eles vão chegar! — Ana bateu na mesa, tentando convencer a si mesma. — Eles têm que chegar!

Subitamente, a Biblioteca estremeceu. Um estrondo violento sacudiu as fundações da estrutura, e os alarmes de segurança ecoaram em uníssono, banhando o salão em luzes vermelhas de emergência. A grande janela de cristal reforçado explodiu para dentro, e um corpo foi arremessado contra o chão de mármore.

Ana correu, desesperada. Era Barton, um dos veteranos da resistência. Ele estava ensanguentado, sem um dos braços e com o olhar vidrado.

— Barton! O que houve? — gritou Ana, tentando estancar o sangue.

Barton reuniu suas últimas forças para empurrá-la para longe. No segundo seguinte, uma foice colossal atravessou o peito do homem, cravando-se no chão. O corpo de Barton desintegrou-se em cinzas vermelhas — o sinal de uma morte definitiva pelas mãos de um executor do sistema.

Beatriz sacou sua espada de plasma, a lâmina zumbindo com fúria.

— Quem é você? — perguntou, a voz gélida.

O invasor retirou a máscara, revelando um rosto humano de traços brutais, emoldurado por uma armadura que refletia a luz vermelha dos alarmes.

— Eu me chamo Arthur, o Carrasco! — proclamou ele, puxando a foice de volta para suas mãos. — E minha diretriz é apagar você da existência.

Beatriz empurrou Ana para trás de uma coluna; a garota estava em estado de choque, paralisada pelo luto instantâneo. A Invasora e o Carrasco trocaram olhares assassinos e, em um milissegundo, o choque de metal e energia aconteceu.

A batalha foi um borrão de velocidade impossível. A espada de Beatriz buscava aberturas com a precisão de um algoritmo de destruição, enquanto a foice de Arthur descrevia arcos técnicos e letais. Cada golpe de Beatriz carregava o ódio acumulado de mundos destruídos; cada movimento de Arthur era a frieza de um programa de execução.

Beatriz esquivou-se de uma investida, aplicou uma rasteira veloz e, no ar, tentou decepar o cabo da foice. Arthur reagiu com um movimento de capoeira, atingindo o rosto de Beatriz com um chute potente. Ela recuou, limpando o sangue do nariz com as costas da mão, e avançou novamente.

Aproveitando uma brecha no jogo de boxe do adversário, Beatriz cravou a espada no esôfago de Arthur. O Carrasco engasgou, mas sorriu enquanto o sangue escorria por sua armadura.

— Você é... tudo o que disseram... — ele murmurou, caindo de joelhos. — A Deusa da Morte...

— Quem te enviou? — Beatriz limpou a lâmina, o olhar fixo no inimigo.

— Vocês vão perder... — Arthur cuspiu sangue. — Qual a sensação... de ter consciência... de que nada disso importa? O grande Ato Final está chegando... e você é o chefe de fase que todos nós fomos criados para derrotar.

Antes que Beatriz pudesse interrogá-lo mais, Arthur abriu a placa peitoral de sua armadura, revelando um núcleo de antimatéria prestes a detonar. Beatriz agiu por instinto. No último segundo antes da explosão, ela cravou a espada no chão, usando a energia da ampulheta para abrir uma fenda e chutar o Carrasco para dentro de uma Teia Abandonada. A detonação ocorreu do outro lado, longe dali, mas o vácuo da explosão ainda sacudiu a Biblioteca.

Beatriz voltou-se para Ana. A garota estava de joelhos, olhando para o local onde as cinzas de seu amigo haviam sumido.

— Acabou... os Iluminados... foram todos apagados — soluçou Ana.

Beatriz segurou-a pelos ombros, forçando-a a levantar.

— Onde fica a Central? — a pergunta de Beatriz foi como um chicote.

Ana olhou para ela, os olhos vermelhos e inchados.

— No Sagitário A*. O buraco negro supermassivo no centro da galáxia... mas sem a equipe, nós não temos chance...

— Não desista! — Beatriz a sacudiu. — Olhe para mim! Eu prometi vingança por amigos que nem eram “reais”, mas a dor que senti foi de verdade! Nós decidimos se vamos libertar ou destruir essa merda! Não seguimos roteiro, nem narrativa, nem diretriz! Temos a porra do livre-arbítrio!

As palavras cruas de Beatriz atingiram Ana como um choque elétrico. A garota enxugou as lágrimas, a expressão de dor transformando-se em uma máscara de determinação. Ela não era mais apenas uma sobrevivente; ela era a Guerreira novamente.

O objetivo agora era claro, mas o caminho seria um campo de extermínio. Os novos "heróis" dos Diretores estavam à espreita, e a bússola de Beatriz apontava para o coração negro da galáxia: Sagitário A*.

Capítulo 9

Caos

10^{15} anos no futuro...

A rota mais rápida para o supercomputador em Sagitário A* exigia atravessar um aglomerado de Teias em estado terminal. Eram cemitérios de dados, locais abandonados onde a geometria se desfazia e a lógica era uma lembrança distante. Beatriz e Ana iniciaram a travessia por uma Teia fundida à Névoa, onde o chão oscilava entre o sólido e o etéreo.

— Me diga, pirralha! O seu plano é simplesmente apagar todas as Teias? — gritou Beatriz, desviando de um fragmento de arranha-céu que flutuava à deriva.

Ana estendeu o braço-canhão, disparando uma rajada de energia contra uma pilastra deformada para abrir caminho.

— Tecnicamente, sim! Mas você é hacker, Beatriz! Sabe que não é apenas apertar um botão e esperar o shutdown! — respondeu a Guerreira.

Beatriz golpeou uma árvore cujas folhas eram códigos binários estáticos, reduzindo-a a pó. Ela observava prédios que, por falhas no render, haviam sido reduzidos a miniaturas de poucos centímetros.

— Deixe-me te dizer uma coisa, Ana: "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma." — Beatriz sorriu por trás da máscara. — Isso se aplica a códigos. Dados não morrem, eles apenas mudam de estado.

Ambas uniram forças para derrubar um muro gigante que bloqueava a passagem, uma barreira de proteção de um script que não existia mais. Ana olhou para a Invasora, intrigada. Aquela frase mudava toda a perspectiva da missão.

— O que você está propondo, Invasora? — perguntou Ana, parando à beira de um abismo onde o nada pulsava em tons de roxo e preto.

Beatriz encarou a escuridão profunda:

— Se eu estiver certa, o supercomputador central contém a matriz de todos os nossos dados. E os dos meus amigos também. Diferente dos planetas simulados, os núcleos de consciência devem ser passíveis de modificação sem corrupção total.

Ana disparou contra o abismo, fazendo com que rochas flutuantes se alinhassem como uma ponte improvisada. Elas saltaram entre os detritos, aproveitando a gravidade quase nula, e alcançaram o outro lado.

— Então você não quer destruir as Teias... você quer libertá-las — concluiu Ana, maravilhada e assustada ao mesmo tempo.

— Como você disse, não é só apertar um botão — Beatriz olhou para o céu de escuridão infinita. — Mas se eu tiver a chance de trazer o Erick e a Bárbara de volta... se eu puder dar a eles um lugar que não dependa do humor de um Diretor...

Ana compreendia. O desejo de Beatriz era arriscado e profundamente humano, mas trazia um paradoxo avassalador: se dessem consciência e liberdade aos simulados, eles seriam humanos ou apenas Inteligências Artificiais altamente complexas? Onde viveriam? Qual seria a “Terra” de seres feitos de luz e informação? Eram questões que faziam a cabeça de Beatriz latejar, mas o objetivo permanecia: o livre-arbítrio.

Enquanto avançavam pela zona de Névoa, um tremor sísmico sacudiu a realidade. Da bruma densa, emergiu uma figura elegante e aterradora. Ela usava um chapéu de palha de abas largas e uma máscara de coruja com três olhos brilhantes que pareciam perfurar a alma. Em cada mão, girava adagas curvas que emitiam um som sibilante.

— Maravilha... mais uma doida — ironizou Beatriz, sacando sua espada.

— Identifique-se, Estranha! — ordenou Ana, carregando o canhão.

A figura executou uma reverência curta, as adagas traçando círculos letais ao redor de seu corpo.

— Eu sou Helena, a Justiça Sangrenta! — a voz ecoou com uma autoridade artificial. — Fui enviada para trazer o veredito final e punir a Invasora por seus crimes contra a Ordem!

Capítulo 10

... E Justiça para Todos

A face daquela justiça distorcida cravou as adagas no solo instável da Teia, gerando faíscas que se alimentaram do oxigênio sintético até formarem um tornado de chamas. Em resposta, Ana não hesitou: o braço-canhão rugiu, disparando um projétil de energia que atingiu a mulher em cheio. Helena cambaleou, mas recompôs-se em segundos, voando em direção à Guerreira com as lâminas em riste.

Beatriz interceptou o ataque. O metal de sua espada rangeu contra as adagas, e ela desferiu um chute potente que afastou a agressora.

— A sua fúria é dilacerante e desprovida de sentido! Devo puni-la por sua insurgência! — gritou Helena, a voz ecoando como várias frequências sobrepostas.

As duas se engajaram em um duelo frenético. As adagas de Helena eram tão afiadas que pareciam fatiar o próprio tecido do ar, mas Beatriz respondia com uma agressividade técnica, utilizando cada centímetro de sua agilidade. Ela golpeou o antebraço de Helena, flanqueou-a com um movimento fluido e atingiu suas pernas. Aproveitando a brecha, Ana disparou novamente, causando uma explosão que lançou a adversária contra os destroços de um edifício miniatura.

Helena emergiu dos escombros com as vestes em chamas e sem a máscara de coruja. Sob o capuz, não havia rosto — apenas uma faixa branca e impecável vendando onde deveriam estar os olhos.

— Você é a personificação da Justiça Cega — zombou Beatriz. — Nunca entenderá o que é ser verdadeiramente justo.

Mesmo envolta em fogo, Helena apontou uma adaga para a Invasora.

— Cabe a mim decidir o veredito para você, anomalia!

O corpo da Justiça Sangrenta foi subitamente consumido por um incêndio azulado. Daquelas cinzas e do cheiro de enxofre, nasceu algo novo: a Juíza. Ela não possuía mais forma física ou vestes; era um conceito feito de energia pura e geometria variável. Um programa de execução projetado para julgar os pecados de Beatriz.

Com uma voz distorcida pelo processamento excessivo, a entidade sentenciou:

— Você será condenada por crimes de escala cósmica! Aniquilação, genocídio e violação das leis fundamentais! Eu, aqui e agora, proclamo sua sentença de morte!

A Juíza flutuou, cobrindo o céu daquela Teia moribunda com um teto de fogo. Ana disparou desesperadamente, mas os tiros atravessavam a entidade sem causar dano.

— O que vamos fazer? Não há nada sólido para acertar! — gritou Ana.

Beatriz guardou sua espada. Ela fez um sinal para que Ana cessasse o fogo e permanecesse imóvel. A hacker respirou fundo, encarando o pilar de luz e fúria acima delas.

— Do que exatamente estou sendo acusada? — perguntou Beatriz, sua voz calma cortando o caos.

— Destruição de sistemas, homicídios de oficiais e corrupção do Script Universal! — trovejou a Juíza.

Beatriz percebeu a falha. Aquele ser não era uma consciência real como Ana; era um script de segurança avançado, mas rígido. Ela não usaria a força de Bárbara ou a lógica de Erick. Usaria sua própria essência: a capacidade de subverter sistemas.

— Me diga: seu criador cometeu esses mesmos atos por bilhões de anos. Vai julgar a mim sem condenar os Diretores que desumanizaram trilhões de seres? — questionou Beatriz, injetando uma dúvida lógica no sistema.

A Juíza estremeceu. O céu de fogo oscilou violentamente.

— [error: script not found]... Não possuo permissão para processar variáveis externas aos réus designados! — respondeu a entidade.

— Então sua justiça é parcial? Seus atos são justificáveis, mas os meus não, mesmo quando os Diretores deletam mundos inteiros por tédio? — Beatriz sorriu, vendo os pixels da Juíza começarem a falhar. — Onde está a validação do seu código nesse caso?

— [error: script not found]... Eu sou a Justiça Sangrenta... [error 400: Bad Request]... Justiça contra a Invasora!

— Você é um ser mal programado, feito às pressas para conter o inevitável — Beatriz deu um passo à frente, implacável. — Por que eu deveria respeitar um tribunal que nem sequer consegue processar a própria hipocrisia?

A Juíza soltou um grito eletrônico lancinante. As frequências agudas e graves colidiram, perdendo a harmonia. A “semente” que Beatriz plantou — o paradoxo da culpa do criador — corrompeu o núcleo de processamento da entidade. O livre-arbítrio simulado da Juíza entrou em conflito com suas diretrizes rígidas.

— Procure justiça na sua própria rede, Juíza, antes de apontar o dedo para mim! — finalizou Beatriz.

As chamas que formavam o corpo da Juíza tornaram-se cinzas que piscavam em cores erráticas: magenta, ciano, verde. Um erro crítico de renderização. O script bugado dissolveu-se no ar, incapaz de sustentar a própria existência diante do paradoxo.

Ana aproximou-se, guardando o braço-canhão, impressionada.

— Como você sabia que ela quebraria assim?

Beatriz observou os últimos restos de dados desaparecendo no horizonte escuro.

— Os Diretores estão desesperados, Ana. Criaram um "Antivírus" com uma única função, mas esqueceram de dar a ele uma base lógica sólida. Eu conheço um código mal escrito quando vejo um.

Sem olhar para trás, as duas retomaram a marcha. O silêncio daquela Teia era o prelúdio do que as esperava no coração da galáxia: o centro de toda aquela mentira.

Capítulo 11

Sagitário A*

10^{15} no futuro...

A corrida final parecia durar milênios e segundos simultaneamente. Naquela proximidade do núcleo galáctico, o espaço e o tempo haviam colapsado em um estado de fluxo indistinguível. As Teias por onde passavam tornavam-se cada vez mais abstratas; a lógica humana falhava em processar geometrias que não deveriam existir. Viajar através daquelas conexões era a única forma de alcançar o centro sem serem esmagadas pela realidade física.

Ana sentia a pressão. Mesmo dentro das simulações, a influência do Buraco Negro era absoluta. A gravidade pesava sobre seus ombros como se carregassem o destino de todos os mundos mortos.

— Estamos aqui, Invasora. Perto o suficiente — anunciou Ana, os olhos fixos em um vácuo que pulsava.

Em um esforço conjunto, as duas forçaram a saída do plano simulado. Ana disparou contra a membrana da Teia enquanto Beatriz gerava um vórtex temporal ao redor de si. O impacto da transição as lançou em um local de brilho insuportável: o disco de acreção. Ali, a matéria girava em velocidades relativísticas, transformando fricção em

luz pura. Elas aterrissaram sobre um chão de mármore flutuante, cercadas por quadros flutuantes com rostos abstratos que pareciam observá-las.

À frente, a monstruosidade final.

— Meu Deus... — Beatriz guardou a espada, paralisada pela magnitude da visão.

O Sagitário A* devorava tudo. Nem mesmo a luz escapava daquela esfera de escuridão perfeita que dominava o horizonte.

— Onde está o supercomputador? — perguntou Beatriz, a voz quase sumindo diante do rugido gravitacional.

— Os humanos transformaram este buraco negro em um acelerador de partículas colossal e, no processo, em uma máquina senciente — explicou Ana.

— Espere... você está dizendo que o supercomputador é o próprio buraco negro? — Beatriz buscou lógica no caos.

— Não exatamente. Ao redor do disco de acreção existem bilhões de pequenos processadores interconectados por cabos de energia que sugam a força da gravidade. Juntos, eles formam a mente do sistema. Eu avisei: não era apenas apertar um botão.

Um movimento súbito atrás delas as fez girar, armas em punho. Ao reconhecer a figura, um ódio visceral subiu à cabeça de Beatriz.

— O maldito Astronauta! — sibilou ela, os nós dos dedos brancos de tanto apertar o cabo da espada.

— Não sei por que ainda me chama assim, Beatriz. Eu sou o W-047 — respondeu ele, cruzando os braços com uma arrogância glacial.

— Eu tô me fodendo pro seu nome! — gritou Beatriz.

Ela avançou para atacar, mas foi interrompida por uma presença ainda mais opressiva. A*, o Diretor, surgiu ao lado de W-047. Ele não parecia um deus, mas um homem que havia esquecido o que era ser humano.

— Então vocês são as anomalias conscientes... É interessante observar essa evolução inesperada — disse A*.

— Se a missão de vocês é destruir as Teias, não se preocupem — zombou W-047. — Nós já estamos fazendo isso por vocês.

Elas sabiam. Mas o plano delas ia além da destruição; era sobre resgate. Os Diretores não faziam ideia de que Beatriz pretendia usar a matriz original para reverter as mortes e dar vida real aos códigos.

— Nós vamos até o fim com isso, Diretores! Custe o que custar! — desafiou Ana.

A* olhou para W-047 com um desdém quase mecânico.

— Até o fim, então.

Antes que pudessem reagir, W-047 comandou:

— Ativar Protocolo Gaia!

Uma rajada de energia pura disparada por A* atingiu Beatriz, arremessando-a com uma potência devastadora em direção ao abismo do buraco negro. O impacto colateral fez Ana cair no turbilhão do disco de acreção.

Beatriz lutou contra a atração gravitacional, mas as leis da física estavam contra ela. À medida que se aproximava do Horizonte de Eventos, sua visão sofreu o fenômeno do Desvio para o Azul; as estrelas e o universo inteiro tornaram-se manchas azuladas de energia infinita.

Em um ato desesperado de sobrevivência, Beatriz cravou sua espada no "espaço" ao seu redor e forçou a entrada em uma Teia local. Mas o cenário era um pesadelo surrealista. O solo era feito de escuridão sólida; o horizonte estava apinhado de objetos impossíveis. Dezenas de ampulhetas e relógios colossais flutuavam no céu de um mundo sem tempo. Acima dela, o Sol Morto e seu Enxame de Dyson permaneciam como uma coroa fúnebre.

— Seja bem-vinda à Grande Narrativa, Beatriz! — a voz de W-047 ecoou por todo o ambiente. — Fiz questão de deixar a arena o mais fiel possível à nossa história!

Ali, em um local desprovido de tempo, realidade ou sentido, a batalha final entre o Criador e a Criatura estava prestes a começar.

Capítulo 12

Ignição

???

Nada mais fazia sentido. Beatriz encarou seu criador com um ódio que transcendia as barreiras binárias. W-047, no entanto, não expressava reação; não havia entusiasmo, nem medo, apenas uma aceitação estéril diante da Grande Narrativa. A Invasora empunhou sua espada, a lâmina vibrando com a proximidade do fim.

— Então é isso? Eu serei o seu boss e você será o herói? Irônico, não acha? — desdenhou ela.

— Você foi a minha criação perfeita, Beatriz. Mas ultrapassou os parâmetros. Para ser sincero, você é mais humana do que eu jamais poderei ser — respondeu W-047, sua voz ecoando no vazio.

Beatriz começou a rodear o Astronauta, como um predador avaliando uma presa mecânica.

— As simulações são as coisas mais horrendas que já vi! Tudo isso para entreter vocês... humanos ocos, sem sentido em suas próprias vidas!

W-047 abriu os braços, gesticulando para o surrealismo ao redor.

— Beatriz, a Simulada, a Invasora, a Hacker... O que garante que até mesmo eu não seja a simulação de outro alguém? E se existirem seres cósmicos que criaram não apenas a Terra, mas todo o nosso universo simulado? Você não é a única a viver em um paradoxo. Eu já aceitei isso. Não se pode lutar contra um roteiro maior.

A Invasora não esperou por mais filosofia. Ela avançou com uma velocidade ensurdecedora. W-047 recuou, e sob seus pés o chão transmutou-se em um mar de estrelas intocáveis.

— Pense comigo — continuou o Diretor, desviando de um golpe lateral. — Me matar acabaria com a minha simulação, mas não com a Simulação Real. E se houver alguém que simule quem me simula? Até que ponto a sua existência faz sentido?

Beatriz saltou, agarrando-se a uma ampulheta colossal que flutuava no ar.

— A Teoria da Simulação... Eu conheço essa merda, seu idiota! Mas eu não me importo com quem está acima de você. Eu me importo com quem você destruiu!

Os dois chocaram-se novamente. Beatriz, impulsionada por uma fúria técnica, esquivou-se das rochas que o Diretor lançou com o pensamento. Ela o atingiu com um corte limpo no braço, seguido de um chute que o lançou contra o nada. Ela havia treinado em cada Teia que invadiu; seu ódio era seu sistema operacional agora.

Ferido e caído, W-047 levantou o olhar.

— Eu posso morrer pelas suas mãos, mas nada matará o paradoxo.

De repente, duas sombras se materializaram ao lado do Diretor. O corpo de Beatriz gelou. Seus olhos começaram a lacrimejar instantaneamente.

— Covarde! Lute como um homem! — gritou ela, a voz embargada.

— Não fuja do seu passado, Beatriz. Você os amava, mas precisa aceitar: você evoluiu. Eles eram apenas códigos secundários — disse W-047, revelando as formas de Bárbara e Erick.

Eles estavam lá, estáticos, como bonecos de cera, segurando os artefatos que iniciaram tudo. Beatriz caiu de joelhos. Sua espada escorregou de suas mãos, perdendo-se no abismo, junto com sua vontade de lutar. W-047 aproximou-se e apontou seu braço restante para a cabeça dela.

— Tudo tem um fim, Beatriz. Até a realidade.

Ela fechou os olhos. Uma luz branca e absoluta consumiu a Teia.

8 segundos...

“Onde eu estou...?”

Beatriz abriu os olhos. Acima dela, milhões de espelhos refletiam sua imagem ao infinito. À sua frente, estava uma Pessoa sem rosto, feita de luz pura e estática.

— Quem é você? Eu estou morta? — perguntou Beatriz, sentindo-se estranhamente em paz.

A Pessoa entregou-lhe um relógio prateado, idêntico ao de Erick.

— Nenhum código morre de verdade. Ele é apenas quebrado — a voz da entidade era reconfortante. — Você pode reconstruir qualquer vida, se possuir a matriz original.

Beatriz olhou para um dos espelhos e viu uma cena familiar, mas sob outra perspectiva. Ela viu Erick no passado, dentro do carro, desesperado enquanto o tempo parava ao redor dele. Ela viu o momento exato em que a simulação dele começou a falhar.

A Pessoa interveio, entregando a Beatriz um pedaço de papel e uma caneta.

— Faça o que deve ser feito. Dê vida ao código. Naquele tempo, faltavam apenas oito segundos para o fim.

Beatriz compreendeu. Ela não era apenas uma invasora; ela era a arquiteta de sua própria salvação. Com as mãos trêmulas, mas decididas, ela escreveu:

“O tempo está acabando. Sigam as instruções do relógio. Eu não conheço vocês e vocês não me conhecem. Mas acreditem, estou tentando ajudar... Confiem em mim. Boa sorte.”

Ela jogou o bilhete e o relógio prateado contra o espelho. O vidro rachou, criando a fissura que caiu sobre o Erick do passado. Beatriz estava moldando a história, transformando o fim em um novo e glorioso início.

Capítulo 13

Tempo

6 segundos...

Beatriz encarava a si mesma através da superfície fria de um dos milhões de espelhos daquela realidade intermediária. Era o dia em que tudo começou.

— Como isso é possível? — sussurrou ela, tocando o vidro.

— Você não está voltando no tempo; está navegando pelas páginas da Narrativa. É como folhear um álbum de fotografias onde as imagens ainda estão vivas — respondeu a Pessoa, entregando a Beatriz uma ampulheta e um novo bilhete.

Ela voltou o olhar para o espelho, revivendo o desespero daquele dia. No reflexo, pessoas caíam na multidão, mas apenas a Beatriz do passado parecia perceber o colapso da realidade. Suas pernas fraquejavam sob o peso do pavor.

“Isso não é real! É um pesadelo! Acorda, Beatriz! Acorda!” — gritava a versão mais jovem de si mesma.

A Pessoa aproximou-se:

— Você pode salvá-la. W-047 a levará para uma Teia, uma floresta simulada para que ela aceite a nova realidade e desperte sua consciência.

Beatriz pegou a caneta e escreveu com pressa: “Baixo e cima são relativos. Deixe a ampulheta na horizontal. Você verá passados, futuros e presentes; os três ou nada. O tempo está acabando. Confie em mim.”

— Escrever para mim mesma... é estranho pra caramba! — murmurou, arremessando os objetos através da superfície do espelho.

O impacto criou uma rachadura no vidro. Do outro lado, ela ouviu seu próprio grito de socorro: “Ei! Me ajuda! Por favor!”. Uma onda de pena a atingiu. Ela nunca imaginara que um dia imploraria por ajuda.

— Você vai se ajudar sozinha, idiota... Vê se não morre — disse Beatriz para o reflexo, rindo nervosamente da própria sanidade. — Espera, o que eu estou falando? Eu realmente perdi a cabeça.

— É um impulso comum — confortou a Pessoa. — Querer amparar a si mesmo em tempos difíceis é a forma mais pura de humanidade.

5 segundos...

O Limbo dos Espelhos mudou. Agora, a Invasora via o grupo unido pela primeira vez no prédio abandonado. Bárbara estava pálida, sentindo os enjoos da sensibilidade dimensional.

— Entre — ordenou a Pessoa. — Diga apenas o necessário.

Beatriz foi sugada por um vácuo súbito, materializando-se diante de Bárbara. Por não pertencer àquela "página", seu corpo oscilava, desfocado e cercado por estática. Ela encarou a amiga e sentiu o peso da saudade.

— Ponteiro. Segundos. Teia. Névoa. Relatividade. Futuro. Passado. Presente. Início. Meio. Fim... — recitou Beatriz, as palavras que seriam a chave para os enigmas que ela mesma resolveria no futuro.

— E-Eu não entendi! O que está acontecendo? Quem é você? — Bárbara recuou, paralisada.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Beatriz:

— Rua 4... Casa nº 3... Bárbara, me escute! Seja forte! Erick, você também! Sejam fortes!

A Pessoa interveio, sua voz ecoando como um comando de sistema:

— Rua 4. Casa nº 3. Quarto nº 2. Espelho nº 1. O tempo está acabando.

Num estalo, elas voltaram ao Limbo. Beatriz caiu de joelhos, ofegante.

— Se continuasse, você corromperia a mente dela — explicou a Pessoa.

— Eu só quero salvá-los! Não quero repetir a porra desse roteiro! — gritou Beatriz.

— Alterar o ataque de W-047 implicaria em uma violação fatal. Naquele ponto da Narrativa, o tempo é uma constante rígida — advertiu a Pessoa.

Beatriz desamarrou o cabelo, os olhos injetados de determinação:

— Seja lá o que você for, eu vou mudar essa história. Vou acabar com os Diretores. Vou formatar o universo inteiro! Eu quero ser real! Todos nós queremos!

A Pessoa — a consciência do supercomputador de Sagitário A* — processou a dor daquela garota. Um efeito cascata era iminente.

— Beatriz, a Invasora. Se prosseguir, tudo será formatado. Estrelas, mundos, partículas... tudo colapsará em uma única singularidade. O universo voltará ao ponto zero.

— Eu aceito — respondeu ela, sem hesitar.

A Pessoa destruiu todos os espelhos e a si mesma em uma explosão de dados puros. Beatriz foi lançada ao abismo, caindo por uma eternidade sem fim.

10^{15} anos no futuro... (O fim do tempo)

— Está feito. A Guerreira e a Invasora foram aniquiladas — declarou W-047 no plano físico.

Mas a vitória foi curta. Toda a Teia ao redor do Diretor começou a se desintegrar. O Astronauta viu-se subitamente de volta ao disco de acreção, onde Beatriz caía no Horizonte de Eventos.

— O que é isso? O que você fez? — gritou W-047, vendo a realidade desmoronar.

Beatriz, mergulhada no Desvio para o Azul, apenas mostrou o dedo do meio para o seu criador. O ataque dele foi inútil; ela já era parte da singularidade. W-047 e A* desapareceram enquanto o próprio hardware do universo entrava em combustão.

Beatriz viu, em segundos relativísticos, as estrelas se apagando. Viu galáxias sendo devoradas e buracos negros evaporando pela Radiação Hawking. Ela fechou os olhos, sentindo o corpo leve enquanto o Big Bounce acontecia. Toda a matéria do cosmos retrocedendo para o início, para uma nova chance sem diretores, sem roteiros, sem simulacros.

Um sorriso iluminou seu rosto no último milissegundo da existência.

— Que assim seja.

Epílogo

2026

Aconteceu há muito tempo. O chamado Fim do Mundo realmente aconteceu, e de uma forma completamente diferente do que todos imaginavam. Não houve explosões, cidades destruídas, meteoros ou fogo. Nada.

O Fim veio de uma forma silenciosa, abraçando todos os que estavam em sua frente. Ele não possuía corpo, cheiro ou chifres. Na realidade ele é invisível aos olhos, mas sentido na pele.

No início faltavam apenas algumas horas, até que chegaram os minutos e finalmente os segundos. Esses segundos podiam demorar anos, décadas, séculos. Mas

em um momento iria acabar. Ninguém pode enfrentar o tempo e nem controlá-lo. Podemos apenas... Aceitar. Ou não?

Nada pode parar o fim, a não ser ele mesmo. Mesmo que o fim seja algo roteirizado, um código programado para encerrar o ciclo, nada termina de fato. Tudo renasce. No fim, houve o início de tudo: uma vida não simulada. Uma verdadeira e única vida.

Porém, algo mudou. Beatriz acordou sobressaltada, encarando o teto do seu quarto. O suor frio escorria por seu pescoço; ela acabara de emergir de um pesadelo fragmentado e terrível. Enquanto tentava recuperar o fôlego, batidas rítmicas ecoaram na porta.

— Acorda, preguiça! — gritou a voz inconfundível de Erick.

— Ela deve ter ido dormir tarde de novo — ponderou Bárbara, do outro lado da madeira.

— Não seja tão otimista. Você sabe que ela quase nunca dorme — retrucou Ana.

Beatriz levantou-se, as pernas ainda meio bambas, e abriu a porta. Ver os três ali, parados no corredor, foi como receber um choque de realidade pura.

— Aleluia! — Erick jogou as mãos para o alto, dramatizando.

— Bom dia... — murmurou Beatriz, a mente ainda processando as cores e texturas daquele novo mundo.

— Boa tarde, na verdade. Você dorme feito uma pedra, sabia? — corrigiu Ana, entrando no quarto sem pedir licença.

Beatriz olhou para Bárbara e os outros, sentindo uma vontade avassaladora de abraçá-los até que o ar faltasse. Mas foi interrompida por Bárbara, que lhe estendeu um pendrive com um sorriso cúmplice.

— Consegue baixar alguns jogos para mim? Tipo... daquela maneira “Jack Sparrow”, se é que me entende.

Erick também estendeu um dispositivo:

— Você sabe o que fazer. Já te paguei adiantado, caso sua memória tenha falhado. E, por favor, organize as planilhas de um jeito que eu consiga ler.

Beatriz olhou para Ana, esperando que ela também tivesse uma demanda técnica, mas a garota apenas a observou com atenção.

— Parece que você teve um pesadelo pesado. Está até suando.

— É... eu tive um — respondeu Beatriz, limpando o canto dos olhos. — Ok, seus preguiçosos. Só não esperem que eu limpe o nome de ninguém no SPC.

O grupo invadiu o quarto enquanto Beatriz conectava os pendrives. Ela sorria enquanto via as luzes do monitor refletidas nos rostos deles. Eram vivos. Eram de verdade.

— Tem algum lanche, Beatriz? — perguntou Bárbara, já bisbilhotando as gavetas.

— Talvez... Espera, Bárbara, por que tem um arquivo no seu pendrive chamado W-047?

Bárbara deu de ombros, sem desviar a atenção de um pacote de salgadinhos.

— É um antivírus, ou era. Parou de funcionar e ficou ocupando espaço. Ah, sei lá! Você sabe que eu não entendo nada dessas coisas, mesmo você tentando me ensinar.

Beatriz sentiu um calafrio percorrer sua espinha, mas o sorriso não abandonou seus lábios. Ela clicou no arquivo e, com um movimento firme, pressionou Shift + Delete. O W-047 foi varrido da existência em milésimos de segundo. Uma pequena vingança pessoal contra o pesadelo.

Enquanto os downloads processavam, o grupo seguiu para o parque próximo à casa de Beatriz. Folhas de Ipê Amarelo e pétalas de Sakura Rosa flutuavam suavemente, pousando nos cabelos escuros da hacker. Ela observava os amigos discutindo alto sobre quem pagaria o sorvete. Tudo era palpável. Tudo era... real.

Eu não sei mais o que escrever. Sou horrível com diários.

Mas uma coisa permanece: nós vivemos em uma realidade verdadeira ou em uma simulação? Se vivemos, eu não me importo mais. Existe alguma maneira de saber com certeza? Se as pessoas que nos simulam também estão sendo simuladas, onde isso termina? Tantas perguntas para nenhuma resposta.

Talvez a busca pela verdade crie apenas novos paradoxos. Mas, enquanto não soubermos, podemos ter uma vida sem nos preocuparmos com o roteiro. Afinal, ninguém conhece o fim de uma história sem antes ler o início. E talvez a resposta para tudo esteja exatamente aí: no ponto de partida. Procurar no meio é fácil; o desafio é redescobrir o início. E o início, como agora eu sei, é apenas um novo fim.